

27 de setembro a 01 de outubro de 2021
EDIÇÃO ONLINE

II Seminário Interno de Pesquisa

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
COMUNICAÇÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA

Caderno de Resumos

II Seminário Interno de Pesquisa

27 de setembro a 01 de outubro de 2021
EDIÇÃO ONLINE

Sumário

A construção da identidade baiana na revista Muito	01
Alissandro Lucas da Conceição Lima	
Performance da estética negra feminina: um fenômeno comunicacional	06
Bárbara Daiana da Anunciação Nascimento	
Jovens universitários de origem popular: entre narrativas de pertencimento e desafios de permanecer	10
Daniela Matos	
Percurso gerativo de sentido, a narrativa inicial de Maria Dusá, De Lindolfo Rocha	15
Edméa Barbosa dos Santos	
“Essa é minha cor” - uma análise do clip publicitário da Avon	19
Fernanda Barbosa dos Santos	
Diáspora e perspectivismo no Rock? Experiências nas cenas musicais de Salvador e do Recôncavo, BA	20
Jorge Cardoso Filho	
Mídia e narrativas da cultura popular – tensões e disputas em torno da história e da memória	26
Jussara Peixoto Maia	
Recepção e espetatorialidade em Monangambé e Sambizanga, de Sarah Maldoror	31
Leticia Santinon	
O jornal Brasil de Fato e a disputa de concepções de Estado e de nação para o país	35
Lorena Carneiro Almeida Andrade	
A música pop é global, mas o sotaque é local - territorialidades, transculturação, valorações e a construção de cenas da música pop do Sul Global	38
Nadja Vladi Gumes	

II Seminário Interno de Pesquisa

27 de setembro a 01 de outubro de 2021
EDIÇÃO ONLINE

- A constituição das espacialidades da cidade-meio: semiose, política e sensório** 40
Regiane Miranda de Oliveira Nakagawa
- Mixagem de áudio: uma ferramenta artística de sensibilidade e sentido do Black Album do Metallica ao Bogary da banda baiana, Cascadura** 44
Saulo Leal Ferreira
- As campanhas de distribuição dos cinemas negros contemporâneos e seus atravessamentos nas culturas fílmicas** 49
Talita do Amaral Arruda
- Iluminando ideias: as articulações entre comunicação e cultura popular no boletim “O Candeeiro”** 53
Vanessa Gonzaga Santos
- Afropresentes: as sensibilidades negras em composição audiovisual solidificando terrenos ao novo cinema negro brasileiro** 57
Vinicius Souza Neri – A.K.A.: Vinny Nepomuceno

A construção da identidade baiana na revista Muito

Alissandro Lucas da Conceição Lima

Resumo

Esta pesquisa tem como temática a articulação entre o processo de formação e representação da identidade cultural e os meios de comunicação, tendo como recorte a identidade baiana e a revista *Muito*. Uma pesquisa que se vincula teoricamente aos Estudos Culturais, “um campo de estudo onde diversas disciplinas se interseccionam no estudo de aspectos culturais da sociedade contemporânea” (ESCOSTEGUY, 2006, p. 137).

Ao relacionar nossa investigação a essa abordagem, entendemos o sujeito pós-moderno sem uma identidade fixa, essencial ou permanente e sim móvel, “formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL, 1987). Assim, a identidade é uma configuração fruto dos sistemas de significação e representação cultural que se multiplicam constantemente no mundo.

Inseridas nesses sistemas de significação e representação cultural estão as culturas nacionais. Narrativas que “fornecem uma série de histórias, imagens, panoramas, cenários, eventos históricos, símbolos e rituais nacionais que simbolizam ou representam as experiências partilhadas que dão sentido à nação” (HALL, 2006, p. 52). As culturas nacionais em que nascemos se configuram em uma das principais fontes de identidade cultural. Segundo Stuart Hall (2006), essas identidades não estão impressas em nossos genes, mas nós pensamos nelas como se fizessem parte de nossa natureza essencial.

Esse mesmo processo complexo de identificação cultural exposto acima também ocorre com as culturas regionais de um país, assim como a cultura baiana, conhecida amplamente como baianidade. Definida por Milton Moura (2013, p. 1) como: “quadro de referências de um modo de ser baiano, cujas origens remontam ao século XIX e que foi se desenvolvendo no plano da mídia”. Ela “baseia-se na caracterização do modo de ser baiano sobre três pilares: a familiaridade, a sensualidade e a religiosidade” (MOURA, 2013, p. 1).

Esse processo de divulgação da baianidade na mídia citado por Moura (2013), que está inserido nos sistemas de significação e representação cultural apontado Hall (2006), é ratificado por Roque Pinto quando afirma que a midiaticização da baianidade se consolidou também como um “instrumento de interpretação e

II Seminário Interno de Pesquisa

27 de setembro a 01 de outubro de 2021
EDIÇÃO ONLINE

autorepresentação dos baianos, materializado em uma série de traços tomados como naturais e evidentes, como se emanassem da vida popular” (PINTO, 1998, p. 3).

Essa exposição midiática da baianidade começou a se solidificar nos anos 1970, no período do governo de Antônio Carlos Magalhães (ACM), dono de uma grande rede de comunicação que envolvia jornal impresso e emissoras de rádios e emissoras de TV. A baianidade nesse período foi trabalhada com fins lucrativos, principalmente pelo setor turístico. Além do conglomerado da família Magalhães, o Grupo A Tarde, que também possuía jornal e rádio, contribuiu para a solidificação da baianidade.

Com mais de 100 anos de existência, o jornal A Tarde – criado pelo jornalista, político e empreendedor Ernesto Simões Filho –, principal produto do grupo e que foi a publicação de maior circulação no estado e no Nordeste durante décadas, exaltou em suas capas e nos encartes de cultura e de entretenimento as expressões textuais, os símbolos e as figuras representativas da Bahia.

E o grupo lançou em abril de 2008 a Muito, que se tornou a principal revista cultural do mercado do Norte e Nordeste, com destaque nacional. Essencialmente focada na cultura baiana, com grande espaço para personagens e símbolos que se relacionam à memória e à história do estado, a revista simbolizou um divisor de águas na mídia baiana. Primeira publicação periódica baiana de caráter semanal a ocupar o posto de maior revista de circulação do Norte/Nordeste, segundo Natansohn e Paranhos (2013, p. 1), a Muito reacendeu a revista impressa no estado, que possui um mercado pequeno em relação aos grandes polos como Rio de Janeiro e São Paulo.

A publicação, que possuía características modernas, tinha os mesmos leitores do jornal A Tarde, uma vez que era disponibilizada gratuitamente aos domingos junto com o jornal. Formado por pessoas das classes A e B, moradores de centros urbanos e interessados em cultura e tendências: “o público primordial é o morador de Salvador, atingindo homens e mulheres, a partir dos 25 até 55 anos. A revista tem tiragem de 100 mil exemplares, e ocupava o lugar de segunda revista mais lida na Bahia, superada apenas pela revista Veja” (VLADI, 2009, apud NATANSOHN e PARANHOS, 2013, p. 92).

Portanto, partimos do pressuposto que a Muito, que trazia uma linguagem alinhada aos comportamentos e ao posicionamento social do seu público, se tornou um dos principais canais de veiculação da baianidade da atualidade, com uma produção significativa sobre o estado, principalmente a cidade de Salvador, e os símbolos que representam a cultura baiana. Uma das razões que torna relevante a escolha dessa revista específica para a realização desta pesquisa.

II Seminário Interno de Pesquisa

27 de setembro a 01 de outubro de 2021
EDIÇÃO ONLINE

Desta forma, compreendemos os impactos dos meios de comunicação massivos na dinâmica cultural das sociedades pós-modernas, especificamente no processo de formação e de representação das identidades culturais, e a importância da *Muito* em relação a baianidade. O que nos instigou a seguinte questão: como a principal revista do estado desenvolveu seu discurso sobre a identidade cultural baiana para seu público?

Assim, o objetivo geral desta pesquisa é analisar como a identidade baiana é construída nas edições da principal revista cultural da Bahia. E os objetivos específicos são: identificar quais os símbolos e os personagens que são utilizados pela publicação e como são usados para representar a identidade baiana; os discursos construídos pela publicação; e verificar as tensões e os conflitos dessa construção feita pela revista.

Diante desta breve explanação sobre o campo teórico que se insere essa pesquisa e o objeto de análise, a pesquisa também se justifica pela sua relevância para os estudos sobre jornalismo cultural, revistas e, principalmente, para a memória e a história da imprensa do Brasil e da Bahia, visto as transformações no mercado da comunicação, que estão provocando o fim de algumas publicações ou a migração da versão impressa para a versão online. Outro aspecto que incentiva a realização deste trabalho é a possibilidade de perceber as transformações no discurso sobre a baianidade na imprensa, por meio da *Muito*.

Referente a metodologia, iniciamos realizando uma pesquisa exploratória nas principais plataformas acadêmicas sobre a revista *Muito* e a baianidade, uma etapa do processo que foi fundamental para definição dos objetivos principal e específicos da pesquisa, como no levantamento de hipóteses. Em seguida, continuamos com a revisão de literatura, onde fizemos um levantamento bibliográfico sobre os Estudos Culturais, Análise de Discurso (AD), memória coletiva, jornalismo cultural, história do Grupo A Tarde e da revista *Muito*.

Durante o caminho também realizamos uma entrevista com a jornalista Nadja Vladi, que foi editora desta publicação entre os anos de 2008 e 2014, e desde então professora da UFRB, integrando o corpo docente do PPGCOM/UFRB. E finalizamos com a análise de uma amostra formada por 15 edições, sendo a primeira edição da revista, as edições comemorativas de cinco e dez anos e mais 12 exemplares, um de cada ano e de meses diferentes. Onde buscou-se compreender a produção ordinária, suas transformações e de que forma a revista renova o seu contrato com o leitor nas edições comemorativas, abarcando o período de 2008 a 2019.

O material analisado revela características importantes sobre a construção do discurso e o posicionamento da revista ao longo dos seus 11 anos de circulação.

II Seminário Interno de Pesquisa

27 de setembro a 01 de outubro de 2021
EDIÇÃO ONLINE

Sem posicionamento crítico e analítico sobre os temas abordados, a *Muito* explora as pautas sempre a partir das fontes, deixando para elas as críticas e análises sobre os assuntos, bem como as histórias e narrativas dos temas, revelando uma falta de pesquisa jornalística.

Um processo que nos remete a Foucault, quanto a organização externa do discurso. Segundo o filósofo, uma das formas de organizar o discurso é por meio da “Separação/Rejeição”, que é a definição de quem pode falar pela sua autoridade no assunto. Assim, a publicação por meio da seleção de fontes cria uma narrativa sobre os temas, quase sempre do ponto de vista positivo, uma vez que a publicação não promove em suas matérias uma análise ampla com contrapontos. Focando apenas em um ponto de vista e que atenda às necessidades da revista.

Ainda sobre a organização externa do discurso, também é possível notar que as matérias da publicação nos remetem a ideia de “Verdadeiro X Falso”, de Foucault, onde os discursos são determinados como verdadeiros e falsos conforme quem organiza o discurso. Como as matérias deixam para as fontes – formada por especialistas, estudiosos, praticantes e adeptos, pessoas que possuem algum tipo de vivência com o tema – a análise do assunto, a revista consegue transmitir uma veracidade no discurso para quem lê, uma vez que todos têm algum tipo de autoridade na temática.

Outra característica em relação a construção do discurso, mas em relação a organização interna, é o que Foucault definiu como “Comentário”, que produz a figura do comentador, aquele que revisita o discurso e procura o discurso das coisas que estão ditas não tão claramente, e amplia e expande o discurso articulando os conceitos. É o papel desempenhado pelos jornalistas da *Muito*, uma vez que as matérias/reportagens são pautadas nas fontes, eles tornam as coisas mais claras ao eleitor e sempre focam em alguma característica que não seja de senso comum, ampliando os conceitos e trabalhando sempre uma visão diferente sobre o tema.

Essa construção do discurso, pautada nas fontes e tendo o jornalista apenas como um comentador, tem como reflexo os editoriais que se limitam, em sua maioria, apenas a apresentar o tema e os caminhos que foram percorridos na matéria. Uma articulação que nos leva a concluir que a publicação apenas se preocupa com a seleção das pautas, que atendam ao seu objetivo de explorar a Bahia contemporânea e quase sempre com enquadramentos positivos.

Mas, qual o discurso construído pela revista? Por meio desta pesquisa podemos perceber que a *Muito* constrói um discurso de uma Bahia contemporânea, como prometido em seus editoriais comemorativos, e consegue entregar para o seu leitor, mesmo com abordagens simples, sem aprofundamentos e uma análise dos temas

II Seminário Interno de Pesquisa

27 de setembro a 01 de outubro de 2021
EDIÇÃO ONLINE

apresentados, uma Bahia que abriga diversas cenas culturais, que extrapolam a ideia de baianidade.

Mas, qual o discurso construído pela revista? Por meio desta pesquisa podemos perceber que a *Muito* constrói um discurso de uma Bahia contemporânea, como prometido em seus editoriais comemorativos, e consegue entregar para o seu leitor, mesmo com abordagens simples, sem aprofundamentos e uma análise dos temas apresentados, uma Bahia que abriga diversas cenas culturais, que extrapolam a ideia de baianidade.

Entretanto, a publicação dialoga com símbolos dessa baianidade desenvolvida no plano da mídia, mas com enquadramentos diferentes que apontam mudanças no cenário cultural, exploram outros olhares sobre os símbolos representativos que constituem a baianidade. Um dado que revela que a *Muito* trabalha com os símbolos, mas sem perder seu olhar no contemporâneo. No entanto, é importante salientar que a publicação também apresenta temas que fortalecem a manutenção de tradições. Assim, temos a busca pelo novo, mas sem perder também alguns traços que constituem a baianidade.

Palavras-chave: Cultura; Identidade cultural; Baianidade; Meios de comunicação; Revista *Muito*.

Performance da estética negra feminina: um fenômeno comunicacional

Bárbara Daiana da Anunciação Nascimento

Resumo

Para muitas mulheres negras é importante o contato com performances de outras mulheres negras, sobretudo se essas *performers* estiverem em lugar de destaque na sociedade, isso funciona como alavanca no processo de empoderamento.

Há quem questione a relevância política desse movimento por entender que seja algo apenas estético ou para entretenimento. De fato, é relevante pensar aí em implicações e tensões entre os elementos contra-hegemônicos, que fazem parte das pautas reivindicatórias, mas nesse contexto, talvez seja ainda mais importante refletir sobre, em que medida a arte e estética que ela produz não é tão significativo quanto às ações estritamente políticas.

Esse jeito de performar identidades, tornaram-se ações relevantes numa sociedade de pouca justiça ou equidade social entre grupos de pessoas negras que sofrem historicamente com as posições de subalternidade que nos impõem.

Logo, pode-se compreender o desenvolvimento do empoderamento da mulher negra como um resultado da politização das vivências. Considerando esse mesmo processo, hooks destaca não somente as produções acadêmicas, como todas as produções a partir das experiências pessoais, a exemplo de personagens de novelas e/ou livros, pinturas, criação de coletivos, letras de música, clipes e performances. Assim, toda a produção que historicamente foi deslegitimada ganha reconhecimento, às produções das mulheres negras ganham destaque, justamente por se dedicar às vivências que se conectam às suas referências de ancestralidade.

Desta forma, me proponho a analisar sobre as performances artísticas da estética negra em videoclipes, enquanto instrumento de comunicação, representatividade e pertencimento social para mulheres negras, assim respondendo por que e como, essas produções podem gerar mais visibilidade por meio do compartilhamento na internet.

A performance artística é necessária para dar o devido destaque à representatividade da estética negra como fenômeno comunicacional e instrumento de identidade e/ou de pertencimento social para mulheres negras, uma vez que os grandes meios de comunicação e a estética padrão as invisibilizam. Auxilia, ainda, no

II Seminário Interno de Pesquisa

27 de setembro a 01 de outubro de 2021
EDIÇÃO ONLINE

reconhecimento através de uma rede de troca de informação, possível por causa do processo de autocomunicação que a Internet oferece, ampliando os ciclos de debates e de identificação, garantindo a representatividade e empoderamento baseados no estabelecimento da comunicação através do corpo.

O primeiro passo metodológico para a execução deste trabalho é a pesquisa exploratória através de uma revisão bibliográfica sobre as performances artísticas da estética negra em videoclipes enquanto instrumento de comunicação, representatividade e pertencimento social para mulheres negras. A pesquisa se dá em livros, artigos, sites e outros veículos, para melhor discutir o objeto de estudo.

Foram pesquisadas, portanto, teorias e concepções sobre os processos comunicacionais que acontecem através das performances artísticas de cantoras negras e de como essas performances podem ganhar maior visibilidade em vídeo clipes postados em sites de compartilhamento de mídias como o YouTube e em redes sociais, como o Instagram. Então, no primeiro momento foi realizada uma abordagem teórico-metodológica, usando a noção de performance, a partir de Rancière e Valverde, por exemplo, bem como também a contribuição dos conceitos de identidade e gênero. Também discutiremos a importância das redes sociais para a divulgação dos videoclipes,

Após isso, o segundo passo foi centrar a pesquisa na materialização da análise dos clipes, aplicando a compreensão das leituras e vivências. A cantora Karol Conká será apresentada na pesquisa, através da sua trajetória artística e pessoal, como representante da temática defendida, tendo seus clipes como objeto de análise no último capítulo.

Os clipes analisados foram: TOMBEI (2015) e Vogue do Gueto (2018). Na observação do material foi destacada a interação do público com a divulgação dos clipes no Instagram e no Youtube, numa produção de pesquisa qualitativa, relacionando as contribuições das teorias e referências apresentadas nos capítulos iniciais às reações, através dos comentários, compartilhamentos, curtidas e descurtidas.

No capítulo de análise foram utilizados os seguintes critérios: Gestualística e letra; Figurino; Cabelo; e Interatividade; ao final será apresentado um tópico incluído no projeto recentemente, início de 2021, após a participação da Karol Conká no reality show Big Brother Brasil (BBB), da Rede Globo. Ao participar do reality a cantora teve sua produção questionada e sofreu inúmeros ataques nas redes sociais. Apesar de ter relação com seu trabalho, esse evento não foi trazido de forma aprofundada, portanto, houve apenas apresentação do ocorrido.

II Seminário Interno de Pesquisa

27 de setembro a 01 de outubro de 2021
EDIÇÃO ONLINE

A aplicação dos métodos citados, possibilitou a realização da análise, parte importante da materialização proposta por este estudo, pois através da pesquisa e dos trabalhos produzidos anteriormente, publicados nas plataformas Intercom e Scielo, será possível apresentar o quanto a internet dá a visibilidade às mulheres negras, o que não é alcançado pelos grandes meios de comunicação.

As mulheres negras, cantoras, que ocupam espaço de grande visibilidade são representativas para determinado público, o que se identifica com a presença dessas mulheres nesses espaços, através da interpretação das performances dessas cantoras é possível que esse público a partir da identificação também passe pelo processo de empoderamento. A mensagem decodificada é a informação, e informação é poder. A performance, portanto, preenche determinado espaço para uma construção imagética de outros corpos, de corpos femininos e negros, fazendo reverberar questões como resistência, ancestralidade e aceitação.

Os símbolos de identificação estética passam a ter validação social num sentido de autorrepresentação política, representação essa que faz sentido desde o modo como as cantoras se vestem, como se portam, até o que escrevem na letra das músicas.

A partir do momento que se compreende as expressões corporais como processo comunicacional, pode-se compreender também que essas expressões estão carregadas de discursos. A performance é algo cheio de simbolismos.

A performatividade que resulta num estado de inquietação, assim como outras tantas informações, ganha força quando compartilhada, e nesse sentido, a Internet colaborou e colabora bastante para a difusão de ideias e informação. Com as redes sociais, o processo comunicacional estabelecido nas performances consegue alcançar muito mais mulheres negras, que ao verem e ouvirem cantoras negras (que muitas vezes tornam-se formadoras de opinião), em determinados espaços de destaque na sociedade, podem vir a sentir a inquietação, a representatividade e decodificar a mensagem no sentido de compor essa rede de informação.

Para encorpar a pesquisa, foi feito um levantamento bibliográfico nas plataformas INTERCOM (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação) e Scielo (Scientific Electronic Library Online), com um recorte de tempo de 2019 aos meses iniciais de 2021, e observa-se que nesse período as produções com temáticas próximas à pesquisa tinham o foco acadêmico em análises sobre performances artísticas de pessoas/grupos representativos para minorias sociais ou performances em redes sociais. Sendo assim, foram destacados dos anais de 2019 do Intercom, 2 artigos.

II Seminário Interno de Pesquisa

27 de setembro a 01 de outubro de 2021
EDIÇÃO ONLINE

Após entender como essa temática vem sendo abordada e como vem sendo trabalhada, conseguimos desenvolver a pesquisa utilizando esse material como referência e com o intuito de ampliar o debate.

Analisar as performances dos clipes da Karol Conká (destacando a relevância e a representatividade do trabalho dela para mulheres negras) e compartilhar como essa produção ganha ainda mais espaço e sentido na internet, pois alcança mais pessoas e reforça o sentimento de pertencimento, de coletividade e de grupo étnico, é um processo significativo para se chegar ao objetivo desta pesquisa.

Palavras-chave: Feminismo negro; Internet; Performance; Estética; Sensibilidade

<https://we.tl/t-uNNAfvMIU5>

II Seminário Interno de Pesquisa

27 de setembro a 01 de outubro de 2021
EDIÇÃO ONLINE

Jovens universitários de origem popular: entre narrativas de pertencimento e desafios de permanecer

Daniela Matos

Resumo

Os primeiros anos do século XXI, no Brasil, marcam um processo de expansão do ensino superior, tanto a oferta de vagas nas redes privadas quanto nas redes públicas, se ampliaram, acompanhadas do ingresso de públicos diversos. Entre 2005 e 2015, houve um aumento de 75,7% nas matrículas, que passam de 4.626.740 para 8.033.574 respectivamente (INEP, 2016). No âmbito do sistema federal de ensino, o Plano de Reestruturação e Expansão do Ensino Superior- REUNI, a partir de 2003, provocou a ampliação das IFES existentes e a criação de novas instituições de ensino superior. No período entre 2003 e 2011 o número de municípios brasileiros atendidos pelas Universidades Federais passou de 114 para 237, segundo dados do Ministério da Educação (2015). Já o número de Universidades, nesse mesmo período, aumentou de 45 para 59 Instituições.

Esse processo de expansão e crescimento tem resultados importantes, embora ainda distantes de uma perspectiva de efetiva democratização do acesso e inclusão da juventude brasileira ao ensino superior. De acordo com dados disponibilizados pelo IPEA, em 2015 a taxa de escolarização líquida da população entre 18 e 24 anos era de apenas 17,8%, bem distante ainda da meta definida pelo PNE de elevar essa taxa para 33%, até 2024. Relevante ainda destacar que essa taxa apresenta variações no que diz respeito a dimensão cor/raça declarada pelos jovens estudantes, 25% para brancos e 12,5% para negros (pretos e pardos). Desse modo, a partir de um olhar macro percebemos que as mudanças estruturais são pequenas e não estão avançando no ritmo esperado - especialmente com a ruptura democrática partir de 2016 que resultou no afastamento da Presidenta Dilma Roussef e interrupção do seu mandato.

Por outro lado, percebemos que essas pequenas mudanças são capazes de configurar novas realidades e contribuir para um (des)arranjo das estruturas hegemônicas que constituem as Universidades. A Agência IBGE (2017) considera que há uma tendência a democratização do acesso visto que em 2004 apenas 1,2% estudantes da rede pública de ensino superior pertenciam ao quinto mais pobre do rendimento domiciliar per capita e, em 2014, esse percentual cresceu para 7,6%. Os dados mostram, também, algum crescimento da população universitária entre jovens negros. Ainda segundo IBGE (2017), do total de estudantes pretos ou pardos da faixa etária entre 18 e 24 anos, apenas 16,7% desse grupo estava no ensino superior em 2004, 10 anos depois, em 2014 esse número cresceu para 45,5%.

II Seminário Interno de Pesquisa

27 de setembro a 01 de outubro de 2021
EDIÇÃO ONLINE

Assim, os dados confirmam, mesmo que timidamente, uma mudança que é perceptível no dia a dia das Universidades Públicas (especialmente aquelas que são resultados do Reuni e/ou não estão localizadas em territórios hegemonicamente estabelecidos): a diversificação de seus estudantes e a pluralização de experiências e trajetórias acadêmicas. Essa mudança é resultado de uma confluência de políticas sociais implementadas entre 2003 e 2015, com destaque para o impacto das Políticas Afirmativas na Educação Superior/ Políticas de Cotas sancionada em agosto de 2012. Assim, muitos estudos e pesquisas já constataam a presença de jovens de origem popular que configuram um novo perfil para xs estudantes universitarixs.

Fazendo um movimento de olhar localmente, as vivências como docente e os dados referentes a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) ratificam esse novx universitárix, corpos juvenis mais diversos que passam a ocupar os espaços das salas, dos pátios, dos grupos de pesquisa e extensão. Eles e elas estão presentes, transformam o espaço acadêmico, deslocam suas hierarquias e seus sistemas de produção de conhecimento ao mesmo tempo que são estrangidos pelas estruturas a se adaptar, em alguma medida, de modo a fazer parte dessa comunidade, que como todas, tem regras e rituais. Há um espaço de tensão e ajustes, de produção e recusa. E é nesse espaço da negociação entre o pertencimento e os desafios enfrentados que essa pesquisa centra sua atenção. É uma proposta de uma escuta atenta aos modos de narrar de jovens oriundos das classes populares que vivem a experiência de ingressar na Universidade Pública.

Desse modo, o objetivo central que guiou o olhar analítico buscou compreender quais dimensões são acionadas por jovens universitários oriundos de classes populares, na sua maioria negros e negras, ao formularem narrativas de pertencimento e permanência na Universidade. Outros objetivos que complementam o geral são: refletir sobre o potencial disruptivo das narrativas formuladas por jovens estudantes de origem popular a partir da tomada de posição em permanecer na Universidade diante dos desafios enfrentados; identificar como jovens estudantes relatam suas expectativas em relação a entrada na Universidade e identificar a importância que atribuem ao espaço e se o consideram enquanto como lugar de transformação.

É um exercício de perceber o que dizem esses jovens a partir do como dizem, de como habitam a fronteira entre pertencer e não pertencer, como formulam e performam suas existências no entre e a partir dessa ação política transformam seu entorno, seu contexto. Esse movimento de produzir conhecimento a partir de um espaço intervalar (Bhabha, 2003) que alguns autores e autoras identificam como margem (HALL, 2003; KILOMBA, 2019) está assentado em uma possibilidade criativa que permite a imaginação não apenas de novas respostas, mas, significativamente, de

II Seminário Interno de Pesquisa

27 de setembro a 01 de outubro de 2021
EDIÇÃO ONLINE

novas perguntas que são capazes de desorganizar autoridades e discursos hegemônicos e propor lugares fora da ordem predefinida. “Assim, a margem é um local que nutre a nossa capacidade de resistir à opressão, de transformar e de imaginar mundos alternativos e novos discursos” (KILOMBA, 2019, p. 68).

Desse modo, esses espaços de possibilidades são constituídos de uma força transformadora empreendida pelos sujeitos que o habitam, as formas de luta neles experimentadas estão imbrincadas nas formas de vida ali vividas porque para eles/elas a luta é a única chave possível para garantir sua existência. Essa percepção afasta qualquer concepção que romantize esse movimento de sobrevivência exercitado cotidianamente. Ele é árduo, é resultado também de violências sistemáticas e de uma experiência dialética entre escassez e produtividade, para usar termos do geógrafo Milton Santos. A percepção e o entendimento desse habitar fronteiro é o que, para Grada Kilomba (2019, p. 69) “criam a possibilidade de devir como um novo sujeito” e desse modo “criar novos papéis fora dessa ordem colonial”. Esse novo sujeito que vive a experiência de habitar o “entre” é capaz de elaborar um modo de olhar e intervir que reflete sua condição de “estrangeiro familiar”, há, portanto, uma força disruptiva possível porque articula espaços e tempos diferentes, essa liminariedade constitui, portanto, potência de transformação.

O corpus analítico aqui apresentado trata-se de um recorte do material coletado e sistematizado no âmbito da pesquisa inter-institucional “Processos de Ingresso no Ensino Superior: transições, suportes e arranjos entre jovens de universidades públicas do Estado da Bahia”. Nesse contexto foram aplicados 150 questionários sobre a Vida Estudantil para discentes ingressantes, em 2018, de 08 cursos da UFRB e UEFS (Cinema e Audiovisual, Licenciatura em História, Licenciatura em Ciências Sociais e Agronomia da UFRB e Direito, Educação Física, Pedagogia, Licenciatura em Matemática, da UEFS). Em seguida foram realizadas entrevistas em profundidade com 18 discentes que estão em fase de categorização e análise. Enquanto achados parciais, apresento uma interpretação preliminar das narrativas formuladas e compartilhadas pelos/as jovens na última questão do instrumento, a única aberta do questionário, que pedia “expresse livremente como se sente na Universidade”. Entre os 150 respondentes, 118 optaram por registrar alguma resposta.

Em uma primeira sistematização, identificamos 03 conjuntos aos quais as respostas podem ser articuladas: o primeiro conjunto, representado por 44,1% das respostas, é aquele em que a chave principal é uma compreensão sobre a importância da Universidade nas suas vidas e seu processo de crescimento, contudo dimensões de mal-estar e dificuldades também são apontadas. Há uma certa ambivalência nas formulações que as torna complexas e desafiadoras para análise.

II Seminário Interno de Pesquisa

27 de setembro a 01 de outubro de 2021
EDIÇÃO ONLINE

Alguns exemplos, “embora diversas vezes exausto, tem sido imensamente gratificante obter cada vez mais conhecimento e crescimento pessoal.”, “Sinto-me bem, aprendo diariamente coisas novas, porém tenho limitações. A universidade deveria ser mais humanizada e entender as demandas dos estudantes.”, “A universidade de uma certa forma me fornece conhecimento, que é o fundamental para o meu crescimento pessoal, porém existem várias questões que perpassam para a devida permanência como: o financeiro, o emocional e adaptação ao local”; “Às vezes no melhor lugar do mundo, às vezes no pior”. Esse conjunto narrativo explicita uma ação prática, uma tomada de posição em permanecer, apesar do reconhecimento dos muitos desafios impostos pelo novo ambiente. Há também uma compreensão do direito a ocupar o espaço, portanto, da necessidade de políticas de permanência que dialoguem com as demandas desse público específico. A noção de futuro, de disputa e vida em movimento está presente, um dos textos afirma “Uma sociedade mais justa e autônoma é o que me move”.

O segundo conjunto, representado por 33,3% das respostas, revela principalmente uma noção de bem-estar e realização, e expressa o reconhecimento da Universidade enquanto um lugar de crescimento e possibilidades efetivas de transformação social. As expectativas anunciadas giram em torno de reconhecimento social, profissional e anunciam um futuro melhor para eles e, especialmente, para suas famílias e comunidades. Há um movimento reflexivo explicitada nas narrativas que ultrapassa a idéia de oportunidade/benefício individual. Alguns exemplos desse conjunto narrativo: “Sinto-me dando orgulho a minha família e buscando construir outras possibilidades estando dentro desse espaço.”, “A universidade é bom lugar para adquirir novos conhecimentos. Aqui aprendo muito sobre a vida”, “A cada dia adquiro mais conhecimentos e experiências necessárias”, (...) está contribuindo para o meu desenvolvimento pessoal e argumentos para permanecer na luta por direitos e equidade”.

Já o terceiro conjunto, formado por 20,7% das respostas, explicita como dimensão principal uma sensação de mal-estar, desânimo, cansaço e frustração. São falas que revelam um grau relevante de dificuldade, desgaste e tensão em diversos aspectos. São expressões que manifestam uma dimensão de não pertencimento, de desencaixe que causa sofrimento e decepção. Algumas falas são contundentes: “Na maioria das vezes, cansado e ultra atarefado.”; “Sinto como se estivesse o tempo todo andando na beira de um abismo, tensão 80% do tempo, e me cobro sempre para dar o meu melhor”, “inferior aos demais”, “a universidade é contraditória...” muitas vezes estou perdida...tipo...o que estou fazendo aqui?”. Apesar de aparecerem em menor recorrência, trazem experiências radicais de estranhamento que precisam ter espaço e provocar mudanças nas práticas institucionais e pedagógicas. São formulações textuais que explicitam um não diálogo entre expectativas, promessas e experiência vivida

II Seminário Interno de Pesquisa

27 de setembro a 01 de outubro de 2021
EDIÇÃO ONLINE

O exercício interpretativo aqui compartilhado apresenta um movimento analítico inicial e parcial que buscou identificar macro dimensões a partir das quais as expressões textuais de jovens estudantes sobre estar na Universidade podem ser articuladas. Os três eixos identificados expressam escolhas e tomadas de posição, portanto são falas que compartilham suas experiências de pertencer, não pertencer e de habitar de forma ambivalente esse espaço novo, sempre em um movimento de dupla afetação entre espaço e sujeito. Nos parece que é nesse espaço duplo que está a potência de produção de novos saberes e conhecimentos.

Palavras-chave: Narrativas; Jovens Universitários; Ensino Superior

II Seminário Interno de Pesquisa

27 de setembro a 01 de outubro de 2021
EDIÇÃO ONLINE

Percurso gerativo de sentido, a narrativa inicial de Maria Dusá, de Lindolfo Rocha

Edméa Barbosa dos Santos

Resumo

O presente artigo tem como intuito agregar elementos conceituais do campo da comunicação como ferramenta teórica na construção da dissertação de mestrado que está em desenvolvimento como requisito de finalização do curso do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Recôncavo Baiano.

No processo de leitura das bibliografias que compõe a historicidade da região de Mucugê alguns romances surgiram apresentando relações amorosas que me instigaram uma análise crítica. Dentre esses romances está Maria Dusá, obra de Lindolfo Rocha em que percebi de forma subjetiva que é possível identificar categorias do percurso gerativo de sentido embutidas em cenas que deveriam apenas descrever o momento de um esperançoso romance entre duas pessoas.

A partir da análise e compreensão obtida por esta pesquisadora, foi possível atrelar a narrativa histórica de Lindolfo Rocha – sobre o romance do forasteiro Ricardo com Maria Dusá, uma garota do sertão baiano – às teorias da semiótica francesa, utilizando a fundamentação teórica defendida por José Luiz Fiorin, para melhor compreender as nuances ocultas que estão presentes naquelas cenas.

A história de Maria Dusá é narrada a partir de 1860 e apresenta um triângulo amoroso envolvendo o tropeiro, vindo de Minas Gerais, Ricardo Brandão; Maria Alves, uma sertaneja de corpo magro e sofrido pela época de seca na Chapada Diamantina; e uma mulher de fisionomia quase idêntica a ela, uma jovem viúva, apossada de terras e escravos, e afamada como prostituta em Xique-Xique, Maria Dusá.

Ricardo Brandão confunde as duas Marias e o livro se desenvolve em um cenário que retrata a Chapada Diamantina como um centro do mundo, como um lugar próspero, um paraíso para os forasteiros que se dedicavam a busca da riqueza. O mineiro parte rumo ao seu destino, conhece então Maria Alves e, sem perceber, inicia um processo romântico com moça após uma negociação com seus pais.

Vindo de Minas com o intuito de vender sal, carne e toucinho aos garimpeiros da região de Mucugê, Ricardo Brandão foi acolhido na fazenda

II Seminário Interno de Pesquisa

27 de setembro a 01 de outubro de 2021
EDIÇÃO ONLINE

de Raimundo Alves, “um herdeiro esbanjador de bonita fortuna, e que nem sabia ao justo quantos filhos naturais tinha em vários lugares” (ROCHA, 1980, p. 4), mas vitimado pela seca e por sua própria preguiça de cuidar das terras, motivo que o fez perder tudo. Segundo o fazendeiro, naquele dia havia dois meses que viviam sem saber o que era uma pedra de sal, alimentavam-se apenas de palmito cozido e frutas encontradas nas serras.

Ricardo aconselha Raimundo a partir para as lavras e sobreviver do garimpo, porém o fazendeiro alega fraqueza e chama seus filhos para apresentar a magreza dos quatro. A esposa dele, Maria Rosa, levanta a roupa dos filhos para incrementar a cena e ao se aproximar de Maria Alves, que aparenta ter 18 anos, a moça se afasta para trás como reação ao ato da mãe, que de imediato revida que não há nenhum problema naquele homem ver sua magreza. Mesmo diante do choro de Maria Alves, a mãe insiste que “quem tem vergonha morre de fome!” e fala sobre a vontade daquele forasteiro de levá-la, e pergunta se ela gostaria de ir.

Os camaradas de Ricardo terminavam de levantar a tropa e aguardavam a ordem de Ricardo, que assim o fez: “Carrega!”, o sinal de que a viagem iria recomeçar, sendo interrompido por Raimundo, que o questionou se ele tinha coragem de dar um celamim de sal por sua filha Maria Alves. Ricardo, lhe disse que até mais, mas era pecado e crime. O pai de Maria lhe insistiu na proposta, pois ele não sabia o que era comer palmito sem sal, só por necessidade; Ricardo então consentiu e ordenou que dessem não apenas o sal, mas um pedaço de carne e um lanho de toucinho.

Com a negociação os pais de Maria Alves ficaram muito gratos, mas Maria chorava de forma compulsiva, quando Ricardo a tranquilizou de que apesar dos pais a terem vendido, ela não foi comprada, que ela poderia ficar, mas apenas pedia que se lembrasse que o mineiro se chamava Ricardo Brandão, dando ainda uma medalha de prata, como lembrança.

Sob a perspectiva do percurso gerativo de sentido, quando Lindolfo Rocha leva o caminho de Ricardo Brandão até a família de Maria Alves, está apresentando oposições de vida e morte; enquanto os familiares de Raimundo Alves, pai de Maria, morrem de fome, o forasteiro apresenta a esperança de dias melhores. Quando Maria foi negociada por sal, a euforia de seu pai estava atrelada ao interesse do sal para que tivesse dias melhores. Enquanto Ricardo e Maria atingiram a disforia da negação, o comprador por não concordar, inicialmente, em comprar uma mulher e Maria por não querer ser o objeto de troca.

Aqui se observa o nível fundamental do percurso gerativo de sentido, pois compreende as categorias semânticas de maneira mais geral, os diferentes conteúdos do texto, como as oposições abstratas; de forma a determinar um nível mínimo

II Seminário

Interno de Pesquisa

27 de setembro a 01 de outubro de 2021
EDIÇÃO ONLINE

de sentido para a composição do texto, representando uma transformação de estado, seja eufórica ou disfórica, quando positiva ou negativa, respectivamente.

Ainda na mesma cena há um desdobramento, que nos leva a vislumbrar o patamar narrativo do percurso gerativo de sentido; que, conforme diz Fiorin(1995) se organiza a partir do ponto de vista do sujeito e apresenta uma transformação entre o estado inicial e o final, perpassando por percursos que desdobram a narrativa: a manipulação (persuasão), em formas de intimidação ou tentação; a competência; a performance e a negação.

Maria Rosa utilizou da manipulação ao levantar a roupa dos filhos para mostrar a magreza e tentar persuadir o rapaz; quando Maria Alves renegou o ato, sua mãe a chamou de tola e alertou que a quem tem vergonha morre de fome. A mãe dos quatro filhos criou uma performance de uma mulher desesperada por conta da fome, que se demonstra capaz de qualquer ato para conseguir um pouco do alimento que estava em poder de Ricardo e lhe parecia farto.

Raimundo Alves também utiliza a manipulação para justificar a sua competência em sair daquela situação. Ele se diz e se apresenta como um homem fraco, acometido pela fome e que não possui condições físicas para seguir adiante com o conselho de Ricardo, pois não poderia sair em direção à Mucugê para garimpar se não aguentava nem andar. O velho fazendeiro ao mencionar a filha não acredita que ela valia um celamim de sal, mas ao performar que não suportava mais comer palmito sem sal e estar disposto a entregar a filha, sancionou a ação de forma a convencer o tropeiro a cumprir o acordo e lhe entregar o que desejava.

Quando Lindolfo Rocha apresentou a negociação entre Ricardo Brandão e a família Alves houve uma construção de um discurso que envolve a ação. Segundo Fiorin (1995) o nível discursivo é o responsável por envolver as estruturas mais superficiais e concretas; isto é, as características abstratas presentes no nível narrativo são rotuladas, de modo a lhes conferir uma concretude; um exemplo é quando Maria Rosa mostra seus filhos como se fossem produtos a Ricardo, e o abstrato se concretiza na oferta de Raimundo a Ricardo, que daria sua filha a ele em troca de um celarim de sal. Vale ressaltar que para produção de um discurso é necessário a enunciação, que deixa marcas na construção, mesmo que não sejam visíveis, elas estão ali.

Através do texto enunciado surge um enunciador e o enunciatário, no nosso objeto o enunciador é Raimundo Alves, que utiliza todas as características dos níveis fundamentais e narrativos para convencer Ricardo Brandão a lhe fornecer o que desejava, mas que se concretiza na oferta final de forma clara e objetiva.

II Seminário Interno de Pesquisa

27 de setembro a 01 de outubro de 2021
EDIÇÃO ONLINE

Neste momento é a sintaxe do discurso que compreende a projeção da enunciação no enunciado e os procedimentos que o enunciador utiliza para persuasão do enunciatário, para que este aceite seu discurso.

Dito isto, é possível perceber que o estudo do Percurso Gerativo do Sentido utilizando a obra de Lindolfo Rocha, Maria Dusá, nos trouxe em uma única cena a possibilidade de uma análise técnica nos três níveis propostos pela teoria. A análise a nível fundamental com a oposição entre a riqueza de Ricardo Brandão e a pobreza da Família Alves. O nível narrativo por sua vez trouxe a transformação entre o estado inicial de Raimundo com a fome e a tristeza decorrente dela, ao estado final de euforia, após o percurso desempenhado na tentativa de convencer Ricardo a levar sua filha, Maria Alves, em troca de um celarim de sal.

E por fim, a análise do nível discursivo que, como consolidação do percurso narrativo, o traz a concretude findando com a proposta em termos claros, que assim foi aceita por Ricardo, lhes dando mais que um mero celarim de sal, mas também um pedaço de carne e um lanho de toucinho.

Palavras-chave: Categorias da enunciação; Semiótica; Narratividade

<https://prezi.com/v/m7-ywdqwuigd/>

II Seminário Interno de Pesquisa

27 de setembro a 01 de outubro de 2021
EDIÇÃO ONLINE

“Essa é minha cor” - uma análise do clip publicitário da Avon

Fernanda Barbosa dos Santos

Resumo

Pensar sobre publicidade, beleza e racismo se faz necessário devido à urgência dessa pauta dentro da comunicação. Nossa proposta, situada em uma perspectiva crítica, pretende analisar a efetivação das práticas antirracistas nas ações da marca de cosméticos Avon, investigando como elas produzem o referencial de beleza da mulher negra e seus efeitos no imaginário social. O objeto de análise é o clipe publicitário “Essa é minha cor”, protagonizado pela cantora Larissa Luz em parceria com outras mulheres negras. O clipe faz parte da ação de marca lançada em novembro de 2020, e teve como objetivo divulgar os novos tons dos produtos para a pele negra e retinta. A Avon é uma empresa historicamente comprometida com as causas sociais e, atualmente, tem afirmado o compromisso antirracista em suas campanhas publicitárias. Essa mudança nos possibilita analisar três aspectos: a) a evidência do lugar social que a mulher negra ocupa e seu potencial de consumo; b) a demanda pela diversidade de produto cujo consumo sugere pertencimento e identificação; c) e, por fim, a exigência por inclusão de pessoas negras tanto nas ações da marca, como no processo de estudo, pesquisa e produção de novos produtos para pele negra. Em síntese, é o que Francisco Leite chama de construção de “programa de gestão de diversidade” como “reavaliação profunda da postura ética (...) com relação à participação de indivíduos negros nas dinâmicas deliberativas e decisórias” (LEITE, 2019, p.35). Enquanto mulher negra, pensando coletivamente, demarco a necessidade de ampliar o debate a partir da noção do Lugar de Fala, compreendendo-o como “não apenas o ato de emitir palavras, mas de poder existir” (RIBEIRO, 2017, p.66). Além disso, “entendendo o quanto raça, gênero, classe e sexualidade se entrecruzam gerando formas diferentes de experienciar opressões” (RIBEIRO, 2017, p. 73). E, como efeito, é extremamente necessário pensar sobre os processos de invisibilidade, apagamento e silenciamento onde a publicidade insere-se e cuja “força discursiva de captação e difusão de ideias articula dimensões plurissígnicas como a sociocultural, a política, a econômica, entre outras” (LEITE, 2019, p.33). Assinalamos a urgência do debate sobre a representatividade da mulher negra, compreendida como “parte essencial do processo pelo qual os significados são produzidos e compartilhados entre os membros de uma cultura” (HALL, 2016, p.31). A publicidade, ao participar dessa construção imaginária e social das mulheres negras, deve integrar à proposta mercadológica a ressignificação “das percepções e consciências” (LEITE, 2019, p.38) para, efetivamente, colocar-se enquanto antirracista e comprometida com as mudanças na sociedade.

Palavras-chave: Mulher negra; Publicidade; Representatividade.

II Seminário Interno de Pesquisa

27 de setembro a 01 de outubro de 2021
EDIÇÃO ONLINE

Diáspora e perspectivismo no Rock? Experiências nas cenas musicais de Salvador e do Recôncavo, BA

Jorge Cardoso Filho

Resumo

A pesquisa promove interpretações das cenas musicais Rock em Salvador e nas cidades do território de identidade conhecido com Recôncavo da Bahia a partir da presença, (des)valorização e distribuição de características diaspóricas e/ou perspectivistas nas sonoridades, letras e performance social dos agentes envolvidos na experiência cotidiana do Rock, compreendido como um gênero cultural. Nesse sentido, mapeia e sistematiza as cenas musicais Rock das cidades de Salvador, Cachoeira, São Félix, Maragojipe, Cruz das Almas e Santo Antônio de Jesus a partir daqueles gestos poéticos entendidos como anacronismos, quais sejam: movimentos que tomam o tempo de baixo para cima, reorganizando aquilo que há no tempo com aquilo que há fora dele (RANCIÈRE, 2011). Por fim, temos apresentado os resultados desse projeto tanto em artigos acadêmicos, livros e lives, e esperamos fazê-lo também a partir de produções audiovisuais e exposições fotográficas.

Nas suas origens, o gênero Rock emerge como fruto dessas expressões musicais negras nas lógicas de fluxo e refluxo com outras expressões musicais americanas – como a música country, por exemplo¹. Seguimos, desse modo, a proposta de incorporar as redes que tornam possíveis a transmissão dessas expressões culturais negras, a fim de melhor pensar criticamente a “os produtos artísticos e códigos estéticos que, embora possam ser rastreados até um local distinto, têm sido alterados seja pela passagem do tempo ou por seu deslocamento, reterritorialização ou disseminação por redes de comunicação e troca cultural” (GILROY, 2012). Esse movimento é decisivo para promover uma forma de resistência que não seja monocultural, nacional e/ou etnocêntrica. É preciso refutar a ortodoxia e incorporar a ponderação da similaridade e diferença.

Essa, no entanto, não é uma característica que se fundamenta exclusivamente a partir da matriz da diáspora, como formulada por Gilroy. Ela pode ser pensada também na matriz que Oswald e Mário de Andrade formularam sobre antropofagia, para pensar traços característicos e comuns nas expressões artísticas. A antropofagia, originalmente, consiste no

1 Na experiência do início do século XXI, o Rap e o movimento Hip-Hop, de maneira mais ampla, parecem desempenhar de forma mais efetiva essa função simultânea de atuar como uma forma expressiva global e manter relativa autonomia no mercado da artes, bem como uma atenção às condições de produção das expressões e trabalhar com as consciências identitárias dos grupos de ouvintes.

II Seminário Interno de Pesquisa

27 de setembro a 01 de outubro de 2021
EDIÇÃO ONLINE

ritual indígena, de variadas nações, de comer o inimigo, com o objetivo de absorver determinadas características². Empregando a metáfora desses rituais antropofágicos dos indígenas brasileiros, Oswald de Andrade sugeriu que este seria um gesto poético fundante da produção cultural, de modo que seus poemas e prosas revelam essa compreensão fundamental. A contribuição de Mario de Andrade pode ser identificada tanto por meio da "rapsódia experimental" *Macunaíma: um herói sem nenhum caráter*, na qual promove uma "colagem de mitos, canções, rituais e textos de origens indígenas, africanas, portuguesas e brasileiras (...) ele é um personagem alegórico sem identidade racial ou cultural fixa" (DUNN, 2009, p.39), quanto pelas suas posições sobre música brasileira .

O que nos indica que a poética antropofágica, que parecia inicialmente vinculada à literatura, extrapola os limites das obras acabadas e transborda para os aspectos da cultura brasileira de maneira mais ampla, revelando características não mais dos objetos, mas do sistema de interações no qual esses objetos estão inscritos. Um sistema que valoriza o devir em detrimento à fixidez. O movimento transformador ao invés da busca pela origem. Daí muitas chaves interpretativas de movimentos musicais brasileiros (como o Tropicalismo e o Manguebeat³) serem produzidas pelo viés antropofágico - incorporar as influências globalizantes, comê-las e transformar-se em algo diferente. A antropofagia, não apenas como uma característica poética, mas também ética. Repertório que nega a linearidade das narrativas identitárias em favor do perspectivismo ameríndio.

2 Viveiros de Castro nos ensina que "a morte e a devoração pelos inimigos se insere na problemática pan-tupi de imortalização pela sublimação da porção corruptível da pessoa" (2011, p. 232). Explica ainda que esse sistema concedia um valor fundamental ao aspecto vindicável da morte por canibalismo: "longe de ser um dispositivo de recuperação de uma integridade originária, e assim de negação do devir, o complexo da vingança, por meio desse agonismo verbal, produzia o tempo: o rito era o grande Presente" (2011, p. 238).

3 O Mangue foi um processo de produção e divulgação de novas criações em música pop - com ecos no cinema, moda, artes plásticas, dança e literatura - ao mesmo tempo em que recuperou as tradições musicais em Pernambuco. Esse movimento se pautou tanto na busca desses ritmos e seus produtores populares, como também na construção de formas de divulgação de trabalhos dos jovens músicos e dos artistas tradicionais. Um idéia central era "antenas" os novos produtos da cultura urbana com os desenvolvimentos mais recentes da cultura pop, a tecnologia eletrônico-digital e as formas da cultura local (VARGAS, 2007, p. 17)

II Seminário Interno de Pesquisa

27 de setembro a 01 de outubro de 2021
EDIÇÃO ONLINE

Nossa contribuição dirige o olhar para os movimentos transculturais e diaspóricos do rock que conectam identidades amefricanas e ameríndias⁴ ao imaginário roqueiro, ressignificando o sentido de global a partir de outras territorialidades que disputam visibilidade nas ambiências digitais. A diáspora não deve ser entendida como um dispositivo narrativo que implica o mero retorno a um passado fixado, excludente e binário, deve “abarcas os processos mais amplo – jogo da semelhança e da diferença – que estão transformando a cultura no mundo inteiro” (HALL, 2003, p. 47).

Cabe-nos, como objetivo geral, interpretar e sistematizar as experiências de diáspora e perspectivismo que se desenvolvem nas cenas musicais Rock de Salvador, e das seguintes cidades do Recôncavo da Bahia: Cachoeira, São Félix, Cruz das Almas, Santo Antônio de Jesus e Maragojipe, com vistas a:

- analisar as configurações de partilhas do sensível que se evidenciam nas experiências com o Rock a partir das sonoridades que se expressam em suas produções midiáticas (videoclipes, músicas e perfis em redes sociais) e nas vivências cotidianas nas respectivas cidades.

- identificar e categorizar os modos como os elementos diaspóricos e perspectivistas aparecem nas cenas musicais referidas.

- sistematizar as atividades culturais e musicais desenvolvidas pelas cenas musicais Rock de Salvador, e das cidades de Cachoeira, São Félix, Cruz das Almas, Santo Antônio de Jesus e Maragojipe.

Algumas dessas cenas musicais Rock já vem sendo estudadas de formas mais sistemática. A cena Rock de Salvador é, certamente, a que possui bibliografia mais vasta (GUERREIRO, 1997; JANOTTI JÚNIOR, 2004; CARDOSO FILHO, 2008; ARAÚJO, 2015), uma vez que se trata da capital do estado da Bahia, fundada em 1522. Trata-se da primeira capital do Brasil, no período da colônia, sede dos Governos Gerais. Já há também uma sistematização de dados de cidades como Cachoeira (JESUS, 2019), Santo Antônio de Jesus (DAYUBE, 2017) e Cruz das Almas (PEREIRA, 2016) tanto em artigos acadêmicos quanto em produção audiovisual (STRADA & TEIXEIRA, 2016), o que demonstra um esforço organizado em apresentar as experiências que se desenvolveram nessas cidades, ao longo do tempo. No entanto, cada uma dessas iniciativas se deve a esforços individuais, em trabalhos de conclusão de curso, de modo

4. Na célebre análise sobre a inconstância dos indígenas em seguir os ensinamentos proferidos pelos padres, Viveiros de Castro (2011) reutiliza a metáfora entre mármore (duradouro e rígido) e murta (mutável e flexível), empregada pelos próprios catequisadores para menosprezar a cultura dos ameríndios em prol da cultura européia, em um sentido em que é a murta quem garante o reconhecimento das alteridades. Nesse sentido, o desejo dos ameríndios pelos europeus passa a ser considerado na sua dimensão ontológica, como o desejo pela alteridade, desejo pelos devires e não como uma ingenuidade suposta dos indígenas do litoral brasileiro.

II Seminário Interno de Pesquisa

27 de setembro a 01 de outubro de 2021
EDIÇÃO ONLINE

que nossa proposta pretende produzir indicadores mais amplos sobre os anacronismos nas cenas musicais Rock de Salvador e do Recôncavo.

A perspectiva metodológica que adotamos está amplamente detalhada no livro *Práticas de Escuta do Rock* (CARDOSO FILHO, 2013), de modo que apresentamos aqui uma síntese para fins explicativos. Nosso estudo consiste em coletar as marcas das experiências que emergiram na relação entre ouvintes e integrantes das cenas musicais Rock, nos seus respectivos locais de convivência, a fim de identificar situações nas quais aspectos perspectivistas e/ou diaspóricos ganham destaque.

No primeiro procedimento metodológico, retomamos o âmbito relacional dos processos de recepção de produtos expressivos, uma vez que essa relação é histórica e implica sujeitos inscritos em temporalidades e espacialidades características. Operativamente esse movimento é realizado mediante entrevistas com os integrantes das cenas musicais, pesquisa documental em jornais e revistas especializadas em música e em blogs e materiais disponíveis em redes sociais.

Num segundo procedimento metodológico, interdefinimos os padrões de experiência aos recursos particulares dos produtos expressivos desenvolvidos pelos integrantes da cena - que podem ir desde as gravações musicais, audiovisuais, videoclipes etc. Nesse âmbito, ferramentas de interpretação das linguagens musicais oriundas da semiologia, análise de videoclipes, performances etc. serão tomadas como eixos balizadores do trabalho.

Num terceiro procedimento metodológico, identificamos as reorganizações nos regimes de partilha do sensível que as vivências nessas cenas musicais promovem. No âmbito operacional, tal percurso é garantido a partir da identificação dos elementos da cultura auditiva que operam nas experiências com os produtos, observação dos aspectos musicais, semânticos, visuais e técnicos das gravações e do exercício de interpretação da experiência suscitada com produtos expressivos diversos da cena, como músicas, shows, e videoclipes - que servem como exemplos do tipo de compreensão pragmático-performativa desenvolvida.

Ao analisar os elementos de africanidade presentes na trajetória da banda Cascadura, Stephen Araújo (2015), por exemplo, tomou como fonte de pesquisa as letras das canções *Minha Doce Senhora*, *Senhor das Moscas* e *Uma Lenda do Fogo*, e articulou os dados à entrevistas realizadas com Fábio Cascadura, Thiago Trad e André T.

II Seminário Interno de Pesquisa

27 de setembro a 01 de outubro de 2021
EDIÇÃO ONLINE

Apesar dos membros da banda afirmarem que as africanidades foram inseridas naturalmente em suas canções, torna-se possível entender que, o fato de o Cascadura ser uma banda de Rock de Salvador e incorporar elementos de africanidade, responsáveis pela formação cultural da Bahia, é uma estratégia bastante sagaz no processo de visibilidade nacional e produção artística, globalizando os elementos afro-brasileiros através do veículo de comunicação que é o Rock. O Manguebeat talvez seja escola para as bandas que, assim como o Cascadura, visem se utilizar da metodologia de inserção das tradições regionais na música. É importante reconhecer o Rock and Roll

As conclusões produzidas por Araújo dão pistas interessantes sobre os movimentos de incorporação e excorporação que podem se evidenciar durante as investigações nas cenas musicais Rock de Salvador e do Recôncavo. Já Kaio Jesus (2019) analisou a configuração da cena alternativa de Cachoeira, destacando as produções da banda Escola Pública e chegou a conclusões interessantes sobre o modo como a banda dialogou com as tradições musicais locais. As fontes de pesquisa do autor são as produções musicais e os perfis em redes sociais da banda, o que já amplia o conjunto de materiais a disposição para compreender as experiências que emergem.

O primeiro álbum tem uma articulação apaziguadora com as tradições presentes em Cachoeira, proporcionando ainda uma referência de décadas anteriores, sem perder a proposta de um som contemporâneo em vista, possibilitando inclusive uma relação forte com a comunidade Cachoeirana, sendo inserido em rádios e até mesmo tendo apoio do poder público para realizar algumas apresentações (...) No segundo álbum, a banda percorre um caminho que dialoga com a tradição da cidade de forma tensiva. Primeiro, o samba que era o gênero mais explorado perde espaço para os sintetizadores e diferentes sons e propostas de timbragens, que surge como reivindicação sonora até mesmo dentro da cena alternativa. O segmento sonoro converge também com a proposta visual da banda que passar a ser psicodélica e por isso, há uma tentativa de desvinculação com a tradição, o samba e a religiosidade, características tão próximas de Cachoeira. Assim, percebemos que a posição social que os sentidos do álbum incorporam é de disputa tanto com a cena musical tradicional, quanto à própria cena alternativa (JESUS, 2019, p. 46-47).

II Seminário Interno de Pesquisa

27 de setembro a 01 de outubro de 2021
EDIÇÃO ONLINE

Assim, entendemos que as vivências *da* e *na* cena musical Rock não devem ser apanhadas somente por meio dos documentos de crítica em jornais e revistas e pelas entrevistas realizadas com os integrantes das cenas, mas também por meio de interpretação dos próprios produtos expressivos e suas repercussões nas redes sociais digitais, ou seja, em suas performances midiaticizadas. Propomos identificar como as desestabilizações das performances podem indicar o acontecimento de experiências marcantes, anacronismos, figurando devires diaspóricos e/ou perspectivistas. Seria possível, nessa direção, evidenciar emergências de sensibilidades por meio dos estudos das performances reiteradas no cotidiano, em variados níveis.

Palavras-chave: Rock; Recôncavo; Salvador; Diáspora; Perspectivismo

II Seminário Interno de Pesquisa

27 de setembro a 01 de outubro de 2021
EDIÇÃO ONLINE

Mídia e narrativas da cultura popular - tensões e disputas em torno da história e da memória

Jussara Peixoto Maia

Resumo

Esta proposta parte da compreensão da articulação entre comunicação, memória e história, para observar a atuação da Mídia na produção e circulação de sentidos, percepções e afetos que constituem textos e discursos relacionados à experiência social, em uma dimensão histórica e cultural. Nesse sentido, a proposição é analisar produções midiáticas que apontam para tensões e disputas, presentes na sociedade brasileira contemporânea. A partir de uma abordagem teórica e conceitual destinada a esquadrihar processos comunicacionais em sua condição dupla, de expressão e de construção de significados, busca-se compreender como são organizados significados, percepções de mundo e acionados afetos. Assim, pretende-se ampliar o conhecimento sobre modos de atuação de formas midiáticas, em sua constituição narrativa, sensível e expressivas, que discutem, sob uma perspectiva contra-hegemônica, questões do feminino, étnicas, de identidade de gênero, de território e geracionais.

A observação dos fenômenos que relacionam mídia e sociedade parte do entendimento acerca da profunda mudança na experiência social contemporânea, por meio de um tipo específico de entrecruzamento entre tecnologia e cultura, responsável pela configuração de um entorno tecnocomunicativo (MARTÍN-BARBERO, 2009), relativo à nova condição de construção de indivíduos e da sociedade, marcada pela transformação de tempos e espaços. Constituindo um novo ecossistema, este ambiente tecnocomunicativo se agrega aos entornos da natureza e das cidades com suas instituições. Tais transformações estariam, segundo o autor, vinculadas às alterações do capitalismo financeiro como referência estruturadora que passou a produzir valor com o próprio dinheiro, esvaziando o sentido de produção e alterando a concepção de tempo e tempo de trabalho.

Nossa pesquisa parte dos estudos culturais, considerando o modo como a comunicação é percebida em sua condição relacional, a partir do conceito de mediação sociocultural (MARTÍN-BARBERO, 2008), examinando as formas comunicacionais como formas culturais. Em diálogo com o mapa das mediações e das mutações, as análises das produções da mídias permitem fazer emergir diferentes institucionalidades e identidades que organizam as tecnicidades como um entrelugar de tempos e espaços no âmbito da comunicação, compreendida em sua constituição política e cultural. Analisadas em sua conformação cultural, as produções midiáticas deixam ver o grau de

II Seminário

Interno de Pesquisa

27 de setembro a 01 de outubro de 2021
EDIÇÃO ONLINE

de abertura e as possibilidades políticas no campo das relações coletivas no Brasil contemporâneo. Os materiais articulam historicidades de experiências sociais em sua condição de entrelaçamento com formas midiáticas, valores sociais e jornalísticos relacionados, simultaneamente, a temporalidades diversas e à formação cultural em que emergem como produções de seu tempo (WILLIAMS, 1979).

Os objetos culturais que inicialmente se constituem como materiais empíricos desta pesquisa, para observação do entrecruzamento entre mídia, memória e história com a desestabilização de aspectos da hegemonia, formas expressivas e/ou valores, sentidos e práticas culturais são: o canal do YouTube da empresária da moda e influenciadora digital, Ana Paula Xongani, o canal DePretas protagonizado por Gabi Oliveira, o Portal Geledés e o site da Revista Afirmativa. São trabalhos realizados, junto com Beatriz Vitória e Tallita Geovana, na Iniciação Científica, e apontam para o relevo das questões étnico-raciais contemporâneas, como parte das urgências presentes na conjuntura brasileira, cuja formação remonta aos processos coloniais e escravocratas, destacados nos estudos poscoloniais.

Deste modo, o objetivo desta pesquisa é realizar análises culturais de produções midiáticas inscritas em fluxos na internet que, por meio de narrativas, tensionam e reconfiguram a memória e desafiam a referências da história brasileira sustentada em discursos hegemônicos, seja sobre a mulher, pessoas negras, a comunidade LGBTQIA+ e territórios. Busca-se apontar, a partir de aspectos teóricos e conceituais, a relação entre produções midiáticas e experiências sociais não hegemônicas, sob perspectiva historicizada; mapear narrativas que questionam e deslocam a posição hegemônica formalizada por meio de objetos históricos, a partir de recursos e procedimentos da memória; identificar aspectos formais da articulação entre a constituição expressiva do formato midiático e aspectos culturais, políticos, econômicos, estéticos e tecnológicos; e privilegiar abordagens de formas e processos comunicacionais contemporâneos, a partir de uma perspectiva historicizada.

Esta pesquisa volta-se para a análise da produção midiática a partir de referenciais teóricos e metodológicos dos estudos culturais, que enfatizam a atividade da recepção no processo de interpretação de textos polissêmicos, voltando-se para a investigação da articulação entre cultura, ideologia, linguagem e relações de poder, “da intertextualidade dos textos em suas posições institucionais, dos textos como fontes de poder, da textualidade como local de representação e de resistência, nenhuma destas questões poderá jamais ser apagada dos estudos culturais” (HALL, 2003, p.212). É ainda fundamental, também, reconhecer os termos e o percurso histórico da construção de hegemonia, como parte da tessitura das relações e das disputas na sociedade, que deixam suas pegadas na linguagem e nas operações

II Seminário Interno de Pesquisa

27 de setembro a 01 de outubro de 2021
EDIÇÃO ONLINE

para a produção de sentido (HALL, 2003). Desse modo, a interpretação é considerada como um processo ativo que envolve cooptação e resistência, na produção de sentido que se realiza em um ambiente social e historicamente específico.

Os estudos culturais têm como paradigma dominante a concepção de cultura como o entrelaçamento de todas as práticas sociais, concebidas como uma forma comum de atividade humana. Este posicionamento teórico recusa a oposição entre alta e baixa cultura, oriundo do modelo base-superestrutura da teoria cultural marxista, que aborda a cultura como reflexo das relações econômicas, na sociedade. À vertente culturalista interessa o exame da cultura, através dos sentidos e valores utilizados por classes e grupos sociais, em suas relações históricas e sociais, para lidar com as suas condições de existência. Assim, a cultura inclui as tradições e práticas da ordem do vivido, nos termos que estas adquirem expressão e são incorporadas nas relações sociais.

A partir de trabalhos teóricos e empíricos, presentes nesses estudos sobre a vida e a cultura das classes trabalhadoras, o significado do próprio conceito de cultura foi reposicionado, concebido como modo integral de vida, inspirado em Raymond Williams (1979), afastando-se da concepção que o definia como o acervo da melhor produção humana, da chamada cultura erudita. Com Gramsci, no entanto, os estudos culturais se apropriam da metáfora da hegemonia para examinar a distribuição assimétrica de poder e influência nas relações de classe, principalmente, no trabalho de Williams (1979) que propõe uma análise cultural que observa dimensões históricas e sociais do estabelecimento de limites e pressões, por meio do modo que valores, práticas e significados são interligados, para evidenciar forças políticas, sociais e culturais.

Em sua pesquisa, Martín-Barbero (2008) recorre à categoria do popular como referência para apontar o que chama de real histórico e real social que emergem a partir dessa nova posição e que antes não tinha existência como registro histórico, mas resulta deste movimento que produziu deslocamentos nos campos da sociologia e da antropologia, em meados do século XX. O povo foi constituído ou ressuscitado na memória e na história e nessa reconfiguração a cultura também foi descentrada, deslocada de uma instância central e controlada. Para o autor, o reencontro com o pensamento de Gramsci foi fundamental nesse redesenho que toma o povo como lugar da visada, para observar o mundo, para indicar a dimensão da cultura e do popular como cultura popular. Considerando, na condição contemporânea o entrelaçamento da tecnologia e da comunicação, a constituição da categoria do popular se funda numa perspectiva midiática, mais comumente apontada como cultura pop.

Na sociedade contemporânea, a mídia tem buscado constituir para si o papel de narradora de fatos históricos, indicando uma nova mnemotécnica para reivindicar-se como senhora da memória. Percebida como construção,

II Seminário

Interno de Pesquisa

27 de setembro a 01 de outubro de 2021
EDIÇÃO ONLINE

a memória não é um fato dado, mas objeto do esforço de fazer lembrar e fazer esquecer, em movimentos que implicam posições políticas e éticas, muitas vezes postas em tensão, explícita ou implicitamente. O estímulo à memória é parte de um contexto social mais amplo que inclui também as tecnologias de construção da realidade social de um real próprio, tornando os limites entre fato histórico e fato midiático imprecisos, principalmente quando se vivencia no contemporâneo a relação entre lembrar e esquecer.

Longe da arquitetura hegemônica de formulação de grandes narrativas históricas totalizantes, por meio de experiências reconstituídas na memória, o passado foi constituindo-se como dimensão aberta e conflituosa, distante do apaziguamento de uma única narrativa. Para Sarlo (2007), o passado é reprimido pelo que considera patologias psicológicas, intelectuais, morais, mas segue e irrompe de repente, pois não é possível conter a lembrança como força soberana e incontrolável do presente. Sob essa provocação, a história social e cultural volta-se para as margens, com a mudança da noção de sujeito, dando nova hierarquia aos fatos, valorizando detalhes do cotidiano e da concretude da vida. As fontes mudam e com elas muda a perspectiva da história com a história oral e a valorização da história do passado baseada em operações da memória, externas à disciplina, se projetando na esfera pública comunicacional, política e até no âmbito do Estado.

O passado é retomado como construções que são compreensíveis através de narrativas e a partir delas põe uma ideologia para dar sentido e configurar um continuum do tempo. Pretende-se, assim, lembrar, narrar ou remeter ao passado através de relatos, de personagens, de ações voluntárias ou involuntárias, abertas ou secretas, conscientes ou inconscientes, com fatores restritos ou externos aos domínios dos personagens. Mas tal posição polariza com narrações históricas dominadas por um círculo hermenêutico que reconstitui os fatos, a partir de determinados sentidos, assegura vínculos com visões globais das sínteses de historiadores do século 19, hoje impossíveis, indesejáveis e conceitualmente equivocadas. As modalidades não acadêmicas se relacionam mais com as questões do presente, necessidades intelectuais, morais, afetivas ou políticas do que com os métodos ou procedimentos. São parte de uma Guinada Subjetiva que foi contemporânea à guinada linguística, dos anos 70 e 80 do século passado. “A história oral e o testemunho reconstituíram a confiança nessa primeira pessoa que narra sua vida (privada, pública, política, afetiva) para conservar uma lembrança ou para reparar uma identidade machucada” (SARLO, 2007, p. 19).

Nesta apresentação apresento o percurso dessa pesquisa que utiliza a hipótese cultural de estrutura de sentimento, formulada por Raymond Williams (1979), o mapa das mutações de Martín-Barbero (2009) e a noção de narrativa nos termos da apropriação de Beatriz Sarlo (2007) para o exame dos produtos/fenômenos. O

II Seminário Interno de Pesquisa

27 de setembro a 01 de outubro de 2021
EDIÇÃO ONLINE

primeiro passo no desenvolvimento do novo mapa noturno volta-se para o exame das 'formas mestiças da mídia', resultante dos cruzamentos dos meios e gêneros midiáticos. Martin-Barbero (2009) chama atenção para a arquitetura de um presente presentificado em relações comprimidas de tempo e espaço, cujas matrizes não são restritas a antigas experiências da cultura, mas envolvem também as migrações que reivindicam do analista uma cartografia de marcas culturais, nos termos em que são atualizadas em identidades presentes nas e constituídas por tecnicidades. De modo imbricado, tecnicidades, identidades, cognitividades e ritualidades atuam nos fluxos de imagens em múltiplas plataformas, constituindo novas formas de concepção espacial e temporal.

Palavras-chave: Mídia; Memória; Narrativas; Estudos culturais.

II Seminário Interno de Pesquisa

27 de setembro a 01 de outubro de 2021
EDIÇÃO ONLINE

Recepção e espetatorialidade em *Monangambé* e *Sambizanga*, de Sarah Maldoror

Leticia Santinon

Resumo

“A Teoria da Recepção e Espectatorialidade Analisada ao Cinema de Sarah Maldoror, a partir dos filmes *Monangambé* e *Sambizanga*” propõe realizar uma pesquisa na circulação e recepção da obra de Sarah Maldoror, a partir de seus dois filmes – *Monangambé* e *Sambizanga* – ambos de origem angolana, realizados nos anos de 1968 e 1972, respectivamente.

Sarah Maldoror foi uma cineasta pioneira dos cinemas africanos. Nascida em Guadalupe (Caribe), Sarah Ducados, adota o Maldoror ao seu nome após a leitura do livro “Os Cantos de Maldoror” (1868), de Conde de Lautréamont. Em 1961, recebe uma bolsa para estudar no Instituto Nacional de Cinematografia da União Soviética, e, após esse período trabalha como assistente de direção de Gillo Pontecorvo no filme *A Batalha de Argel* (1966), filme vencedor do Leão de Ouro no Festival de Veneza. Neste ínterim, Sarah Maldoror torna-se companheira de Mário Pinto de Andrade, angolano e um dos fundadores do Movimento Popular de Libertação de Angola – MPLA, que contribuiu para a realização de seus dois primeiros trabalhos, *Monangambé* e *Sambizanga*.

Após a experiência exitosa em *A Batalha de Argel*, Sarah inicia a trajetória na realização de seus próprios filmes, lançando *Monangambé* em 1968, curta metragem de 18 minutos inspirado no conto “O Fato Completo de Lucas Matesso”, de Luandino Vieira. *Monangambé* retrata, através da ficção, a luta pela libertação de Angola sob a dominação portuguesa. *Monangambé* é também título de uma famosa canção de Ruy Mingas (1939), conhecida por cantar o desejo do povo angolano pela liberdade em um país sob domínio colonial. Em 1971, o filme é selecionado para a Quinzena dos Realizadores do Festival de Cannes⁵, que neste gesto acaba por reconhecer Angola como país, antes mesmo de sua independência formal contra o colonialismo português, conforme aponta Maria do Carmo Piçarra: Não obstante a falta de unanimidade, em 1971, ano em que o cinema *engagé* dominou a programação do Festival de Cannes, “*Monangambé*” foi selecionado para a secção paralela, não competitiva, da Quinzena dos Realizadores, em representação de Angola que, antes da independência, via, assim, reconhecida a sua luta pela comunidade cinematográfica. (2017, p. 17).

5 O evento faz parte do Festival de Cannes, realizado em 1971.

II Seminário

Interno de Pesquisa

27 de setembro a 01 de outubro de 2021
EDIÇÃO ONLINE

Em 1972 Sarah Maldoror inicia as filmagens de *Sambizanga*, seu primeiro longa-metragem. Este filme também é uma adaptação de uma obra de Luandino Vieira, a saber, a novela *A vida verdadeira de Domingos Xavier* (1961). Assim como *Monangambé*, *Sambizanga* mostra Angola colonial subjugada por Portugal. O filme conta a história de Domingos (Domingos de Oliveira), um trabalhador que se envolve com o MPLA e é preso pela Polícia Internacional e de Defesa do Estado - PIDE. Após a prisão de Domingos, sua companheira Maria (Elisa Andrade) vai à Luanda em busca do seu paradeiro de prisão em prisão. A obra de Maldoror destaca o papel das mulheres pela libertação de Angola através de Maria, uma personagem forte que une as características de mãe, companheira e lutadora. A beleza de “*Sambizanga*” está em narrar essa história por meio de uma perspectiva do cotidiano feminino.

É importante mencionar que embora nascida na diáspora (1929, Guadalupe), Sarah Maldoror é pioneira do cinema angolano, e ainda que *Monangambé* e *Sambizanga* tenham sido realizados antes da independência de Angola, 1968 e 1972 respectivamente, pode-se considerar o nascimento do cinema angolano em busca da descolonização. Somente após a independência de Angola, em 11 de novembro de 1975, são criados o Instituto Angolano de Cinema (IAC) e o Laboratório Nacional de Cinema (LNC), quadros estatais para produção cinematográfica angolana.

O projeto parte da proposta de contribuir com os estudos sobre a Teoria da Recepção e Espectatorialidade no Brasil, desenvolvida por Mahomed Bamba em parceria com outros pesquisadores na obra *A Recepção Cinematográfica* (2013). Bamba propôs um mapeamento dos principais paradigmas de estudo da recepção, dentro das teorias do cinema, traçando um percurso transversal e transdisciplinar. Dessa maneira, buscou apreender as teorias da recepção e da espectatorialidade naquilo que faz delas um mesmo e único corpo de pensamento teórico e, ao mesmo tempo, um campo atravessado por uma grande diversidade de enfoques, modelos e paradigmas.

Nesse sentido, escolheu-se a obra de Sarah Maldoror como foco privilegiado de reflexão e análise por uma série de motivos. Um primeiro elemento a se destacar diz respeito ao pioneirismo da cineasta. Ela foi uma das primeiras realizadoras dos cinemas africanos - fato que por si só lhe confere enorme importância -, bem como também obteve reconhecimento de público e da crítica.

A pesquisa, portanto, pretende a partir dos filmes *Monangambé* e *Sambizanga*, investigar como a difusão das obras e os contextos sociais e políticos sensibilizam na recepção dos públicos. Contribuindo com os estudos sobre a Teoria da Recepção e Espectatorialidade; Colaborando com as pesquisas desenvolvidas sobre a obra de Sarah Maldoror, em especial dos seus primeiros filmes: *Monangambé* e *Sambizanga*; Aprofundando as análises sobre a circulação dos filmes realizados por cineastas africanas mulheres;

II Seminário Interno de Pesquisa

27 de setembro a 01 de outubro de 2021
EDIÇÃO ONLINE

Ao cruzarmos a obra de Sarah com as contribuições da Teoria da Recepção e Espectatorialidade, acreditamos no potencial de trazer novas reflexões sobre o seu cinema. Fato este que é amplificado pela força poética, política, ética e estética de sua obra. A pesquisa, portanto, pretende a partir dos filmes *Monangambé* e *Sambizanga* investigar como a difusão das obras e os contextos sociais e políticos sensibilizam na recepção dos públicos.

Analisar os filmes de Sarah Maldoror, a partir de uma perspectiva da recepção e do espectador, é oferecer novas formas para se refletir o cinema de uma realizadora tão relevante para a história do cinema, e não somente “africano”, mas em geral. A artista enfrentou as mais variadas adversidades para produzir, distribuir e conservar os seus filmes, de modo que a pesquisa busca contribuir para a ampliação na difusão e debate sobre a obra da cineasta.

Será utilizada uma pesquisa exploratória e analítica, porque se considera ser a mais indicada para levantamento bibliográfico e análise de exemplos que estimulem a compreensão, proporcionando uma visão geral do tipo aproximativo. A finalidade de tal metodologia é de desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, para formulação de problemas mais precisos relacionados à teoria da recepção e espectatorialidade, como a repercussão dos filmes tanto na época de sua circulação nos diversos festivais em que as obras foram exibidas bem como na contemporaneidade.

Também será empregada a pesquisa bibliográfica para a fundamentação teórica relacionada aos conceitos da teoria da recepção e espectatorialidade, a partir dos filmes *Monangambé* e *Sambizanga*. Nessa etapa de pesquisa bibliográfica, serão realizadas as leituras e fichamentos dos filmes e livros, para que se possam realizar estratégias de seleção e análise dos dados coletados, delimitando os conceitos e temas da pesquisa.

No Brasil, a obra de Sarah Maldoror passa a ganhar mais destaque a partir de um resgate promovido por festivais e mostras que passam a exibir os seus filmes, especialmente por conta do crescimento de programações dedicadas aos cinemas negros. Os festivais e mostras dedicados aos cinemas negros que surgiram no Brasil nos últimos anos, proporcionou ao público a chance de conhecer os filmes realizados por cineastas africanos inéditos no território brasileiro. Iniciativas como a Mostra de Cinemas Africanos, realizada na Bahia, e o Encontro do Cinema Negro Zózimo Bulbu, no Rio de Janeiro, foram [e são] fundamentais na circulação e difusão dos cinemas africanos.

Com o surgimento da pandemia de Covid-19 no início de 2020, as mostras e festivais se viram obrigadas a levar as suas programações para o ambiente online,

II Seminário Interno de Pesquisa

27 de setembro a 01 de outubro de 2021
EDIÇÃO ONLINE

extrapolando seus territórios físicos [Salvador, Rio de Janeiro, entre outros] e ampliando o seu público. Com o advento da programação online, é possível que qualquer pessoa no Brasil, que possua acesso a computador e internet, possa assistir a esses conteúdos.

Além dos eventos que proliferaram em 2020 e permitiram uma maior visibilidade ao cinema de Maldoror, é possível assistir *Sambizanga* no youtube (embora com baixa qualidade de som e imagem), o que confere maior facilidade de acesso, seja por pesquisadores ou pelo público em geral. Sendo assim, nos últimos meses foi possível observar um maior interesse pela obra de Sarah Maldoror através das produções de textos e podcasts que ultrapassam o mundo acadêmico. De modo geral, a morte de Maldoror durante a pandemia, fomentou uma maior circulação de sua obra, bem como os debates relacionados, dando o destaque merecido ao seu cinema.

Palavras-chave: Sarah Maldoror; Cinemas africanos; Espectatorialidade

<https://drive.google.com/file/d/1P6f9kCTD0pDFP8gbvIGtqqfACv4tIA5A/view>

II Seminário Interno de Pesquisa

27 de setembro a 01 de outubro de 2021
EDIÇÃO ONLINE

O jornal Brasil de Fato e a disputa de concepções de Estado e de nação para o país

Lorena Carneiro Almeida Andrade

Resumo

No Brasil e na América Latina, o desenvolvimento de uma cultura de massa e os meios de comunicação foram fundamentais na construção de uma narrativa sobre nação e de um desenho de identidade nacional. Passaram a cumprir o papel de porta-vozes do sentimento nacional de pertencimento e capilarizaram os valores culturais hegemônicos. De acordo com Canclini (2010), “o rádio e o cinema contribuíram na primeira metade deste século para organizar os relatos de identidade e o sentido de cidadania nas sociedades nacionais” (p. 129).

Esse movimento protagonizado por determinados grupos empresariais no campo da comunicação em construir e firmar uma narrativa sobre nação e sobre uma definição do que é o povo brasileiro está relacionado a um modo de atuação específico de veículos da mídia hegemônica em nosso país. Segundo Raymond Williams (1979), hegemonia “é todo um conjunto de práticas e expectativas sobre a totalidade da vida: nossos sentidos e distribuição de energia, nossa percepção de nós mesmos e nosso mundo” (p.113). É um sistema constitutivo e constituidor de significados e valores “que, ao serem experimentados como práticas, parecem confirmar-se reciprocamente” (p. 113).

No Brasil, a atuação da mídia hegemônica tem, historicamente, cumprido um papel-chave enquanto agente político de simulação e desativação de tensionamentos na sociedade, de modo a produzir uma homogeneidade. De acordo com Martín-Barbero (2006), é a partir dessa atuação que os meios emergem como atores essenciais na sedimentação de uma narrativa sobre Nação, povo e a identidade que os vincula que ratifica a lógica colonial de poder e subserviência. “E de mediadores, a seu modo, entre Estado e as massas, entre o rural e o urbano, entre as tradições e a modernidade, os meios tenderão cada vez mais a constituírem-se no lugar da simulação e da desativação dessas relações” (p.249).

Entretanto, a hegemonia jamais será total ou exclusiva, e a realidade do processo cultural, bem como a análise de suas produções, deve levar em conta os esforços e contribuições daqueles que estão à margem dos termos da hegemonia específica (WILLIAMS, 1979, p. 116). Nesse sentido, essa pesquisa tem como objeto o jornal Brasil de Fato, um veículo de comunicação alternativa que emerge dos tensionamentos sociais como um instrumento de contraposição ao discurso hegemônico na sociedade.

II Seminário Interno de Pesquisa

27 de setembro a 01 de outubro de 2021
EDIÇÃO ONLINE

O Sistema Brasil de Fato de Comunicação é uma iniciativa de jornalismo lançada em 2003 no Fórum Social Mundial em Porto Alegre. Com o slogan “Uma visão popular do Brasil e do mundo”, a iniciativa do Brasil de Fato surgiu de movimentos populares que avaliaram a necessidade tanto de fazer a disputa de narrativas dentro da comunicação no Brasil, como também de “contribuir no debate de ideias e na análise dos fatos do ponto de vista da necessidade de mudanças sociais em nosso país” (BRASIL DE FATO, 2019). Esse projeto evidencia um esforço político de setores da esquerda para compreender o papel estratégico da comunicação na sociedade e da necessidade de se construir um veículo que faça a disputa de narrativas com os meios de comunicação hegemônicos.

Por dez anos, o Brasil de Fato contou com um jornal impresso de circulação nacional e hoje caracteriza-se por uma rede formada por um site de notícias, radioagência, um programa de TV chamado Central do Brasil – produzido em parceria com a emissora TVT, redes sociais, além de edições impressas no formato tabloide produzidas e distribuídas em alguns estados a partir de 2013. Atualmente, cerca de 10 estados, incluindo a Bahia, produzem seus próprios jornais, que trazem conteúdos gerais, mas focam na produção de notícias locais. O que está colocado é um esforço do Sistema Brasil de Fato de comunicação em se constituir como uma rede que, do ponto de vista político, consiga construir uma unidade no campo da esquerda para dar mais densidade ao projeto, e, do ponto de vista do público, se adapte a diferentes formatos e linguagens para alcançar o povo brasileiro em sua diversidade e particularidades regionais.

A pesquisa tem como objetivo analisar especificamente como esse veículo de comunicação disputa as concepções de Estado e nação no Brasil a partir da sua produção noticiosa. Partimos do entendimento da importância da comunicação enquanto um campo de disputa por hegemonia e para a formação da memória coletiva que exerce, cotidianamente, a função de sedimentar ou questionar determinadas narrativas sobre nossa história. Nesse sentido, a pesquisa se propõe a investigar as disputas simbólicas, discursivas e políticas travadas no campo do jornalismo em torno de uma produção noticiosa que contribui para conformar uma narrativa de Estado e nação brasileiros que sedimentam uma determinada memória coletiva sobre nossa própria história. Partindo da concepção de Williams (1979, p.119), para quem os meios contra-hegemônicos exercem um papel histórico de recuperação das áreas rejeitadas ou a reformulação de interpretações seletivas e redutivas, buscamos aqui analisar como o Brasil de Fato atua no enfrentamento das tradições seletivas sobre Estado e nação, e como operam para construir uma nova dimensão desses elementos.

Tradição é um conceito desenvolvido por Raymond Williams que está ligado à noção de hegemonia. Segundo o autor, a hegemonia é uma interligação de valores, práticas e significados que é incorporada numa cultura significativa e numa ordem social efetiva.

II Seminário Interno de Pesquisa

27 de setembro a 01 de outubro de 2021
EDIÇÃO ONLINE

E a tradição, por sua vez, é a expressão mais evidente das pressões e limites hegemônicos e dominantes (WILLIAMS, 1979, p. 118). O que Williams nos alerta, no entanto, é que é necessário não apenas observar “uma” tradição, mas uma tradição seletiva. Uma versão que seleciona determinados aspectos de um passado e de um presente de modo a ratificar uma narrativa sobre ou na sociedade. Desse modo, a tradição seletiva pode operar na desativação de conflitos, na invisibilização de sujeitos e atores sociais e mesmo contribuir num revisionismo histórico que distorce os fatos de modo a fazê-los caber no discurso que se deseja.

A pesquisa pretende fazer uma análise de discurso das notícias produzidas pelo Brasil de Fato e divulgadas em suas redes sociais, entendendo ser este um filtro do veículo para destacar os conteúdos que considera mais relevantes. O recorte temporal será feito a partir de um ou mais meses construídos a partir das notícias veiculadas no primeiro semestre de 2022. A escolha do site do jornal como fonte da pesquisa se deve ao fato de que as produções do veículo em outros formatos (radioagência e tablóide) se dão em caráter regional, com dinâmicas de produção e circulação próprias e diferentes entre si. O site, nesse sentido, é a plataforma com conteúdo nacional e com periodicidade mais constante do Sistema Brasil de Fato de comunicação.

Optamos pelo método de análise do discurso por entender que esta vai ao encontro da ideia de que a linguagem tem como papel a mera transmissão de informação. A análise do discurso “considera o aspecto formal da linguagem, mas sempre o vê e o trata na sua radical e inseparável relação com os conflitos subjetivos e sociais que envolvem os atos de fala” (FISCHER, 1995, p.22). Adotamos a perspectiva foucaultiana de análise do discurso por entender que Foucault parte da linguagem, do discurso, como elemento central para sua análise das experiências vividas. Esse elemento é uma ruptura com uma ciência histórica que defende, por exemplo, que as regras de formação dos conceitos estariam na mentalidade e na consciência dos indivíduos. O método proposto por Foucault parte da noção de que essas regras “estão no próprio discurso, e se impõem a todos aqueles que falam ou tentam falar dentro de um campo discursivo determinado” (FISCHER, 1995, p.21). É a partir dessa concepção de discurso e das categorias de análises propostas por Michel Foucault que se pretende investigar o conteúdo produzido pelo Brasil de Fato e compreender quais elementos emergem da produção noticiosa do jornal.

A pesquisa ainda está em fase inicial de desenvolvimento. Pretende-se, até o fim do semestre 2021.2, fazer o ajuste do projeto a partir da disciplina de Metodologia de Pesquisa em Mídia e Memória e avançar nas suas reflexões a partir do grupo de pesquisa COMUM, coordenado pelas professoras Daniela Matos e Jussara Maia.

Palavras-chave: Jornalismo brasileiro; Contra-hegemonia; Tradição seletiva; Estado; Nação brasileira

II Seminário Interno de Pesquisa

27 de setembro a 01 de outubro de 2021
EDIÇÃO ONLINE

A música pop é global, mas o sotaque é local - territorialidades, transculturação, valorações e a construção de cenas da música pop do Sul Global

Nadja Vladi Gumes

Resumo

O projeto de pesquisa “A música pop é global, mas o sotaque é local – territorialidades, cosmopolitismos, valorações e a construção de cenas da música pop do Sul Global” foi contemplado em 2019 com o Edital Universal do CNPq e, desde março do mesmo ano, vem sendo desenvolvido em diversas frentes na graduação e na pós-graduação. Atualmente, o projeto se encaminha para uma finalização que deve ocorrer no primeiro semestre de 2022 trazendo como resultados artigos, dissertações de mestrado, trabalhos de conclusão de curso e disciplinas ministradas no programa de Pós-Graduação de Comunicação da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia e nos cursos de graduação do Cecult/UFRB.

Com este projeto, tenho pesquisado sobre práticas musicais, a partir de algumas perspectivas como cenas musicais (STRAW), territorialidades (HERSCHMANN, HAESBAERT), racismo genderizado (COLLINS, GONZALEZ, HOOKS, KILOMBA), transculturação (TAYLOR), procurando entender como essas práticas são mediadoras de visibilidades e invisibilidades dos fenômenos culturais contemporâneos que atravessam as territorialidades do Sul Global, pensado aqui não apenas no sentido geográfico, mas em termos de “fluxos transversais” (IQANI, 2016) e não homogeneizantes, um “espaço narrado” (IQANI; RESENDE 2019).

Nesta perspectiva, analisamos como as performances de artistas como BaianaSystem, Luedji Luna, Larissa Luz, ATTOXAA, entre outros, podem nos ajudar a entender o surgimento do que chamamos de cena musical afro-latina de Salvador. Nosso objetivo é compreender esses artistas como parte de um fenômeno cultural que resulta de uma articulação de uma série de práticas que dão visibilidade a uma luta política em que se compartilha uma intensa e sensível experiência estética (RANCIÈRE, 2005).

Procuramos entender algumas marcas que compõem essa cena como uma sonoridade transcultural que passeia por graves, beats eletrônicos e um diálogo intenso com gêneros como ijexá, samba-reggae, dub, kuduro trap, rap, pagodão, aliados a um discurso de tensionamento étnico-racial e de gênero, uma reivindicação da cidade a partir da ressignificação de

II Seminário Interno de Pesquisa

27 de setembro a 01 de outubro de 2021
EDIÇÃO ONLINE

algumas territorialidades como o Pelourinho, no Centro Histórico, e de movimentos musicais como axé music, buscando referências a partir de cantores e cantoras negras que foram apagados pela branquitude baiana. Esses artistas ocupam a cidade com sonoridades que replicam uma espécie de resistência/incorporação, criando novos idiomas estéticos (REGEV, 2013). Uma sonoridade revestida pela linguagem do pop e do discurso político, que, como observa Janotti Júnior (2015, p. 47), “são modos de circular no universo cultural contemporâneo através de uma tonalidade cosmopolita”.

O que acontece em Salvador e no Recôncavo baiano na segunda década do século XXI, é parte de um movimento que o pesquisador israelense Motti Regev (2013) chama de “cosmopolitismo estético”, e o estudioso colombiano Omar Rincón batizou de “culturas bastardas” (2016), na qual artistas de origens diversas, ao mesmo tempo em que legitimam suas singularidades locais/nacionais, dialogam com um campo global de tendências estilísticas, um movimento cultural que a pesquisadora Diana Taylor denomina de “transculturalização” porque sugere um movimento em circulação, característico de territorialidades do Sul Global pelo deslocamento cultural provocado pela colonização e escravização de povos africanos. A partir dessa análise, buscamos comprovar que está em curso o surgimento de uma cena de música pop afro-latina que tem como características o ativismo musical, uma filiação a uma cultura negra baiana, um diálogo interseccional e a articulação de elementos locais e globais em um processo de transculturalidade.

A partir de observação participante, da escuta das canções, da realização de entrevistas, da análise de reportagens de jornais e sites, do acompanhamento de lives e redes sociais, análise de videoclipes, buscamos nesta pesquisa entender as dimensões deste fenômeno cultural e atualizar o conceito de cenas musicais com vistas a dialogar com problemáticas latentes no campo da comunicação, como a perspectiva decolonial (QUEIROZ, 2019), o que nos parece possibilitar entender de forma mais consistente as práticas musicais das cidades da América Latina, que apresentam uma geografia de experiências engendradas em questões étnico-raciais, de opressão, portanto um lugar forjado nas subalternizações, mas também na resistência, uma territorialidade de um Sul que representa um outro sistema de poder, como coloca Resende (2020), o que nos parece que possibilita pensar em outras epistemologias que dêem conta de entender os fenômenos culturais não ocidentais.

Palavras-chave: Cenas Musicais; Territorialidades; Interseccionalidade; Música Pop

II Seminário Interno de Pesquisa

27 de setembro a 01 de outubro de 2021
EDIÇÃO ONLINE

A constituição das espacialidades da cidade-meio: semiose, política e sensório

Regiane Miranda de Oliveira Nakagawa

Resumo

Este artigo apresenta o resultado parcial de uma pesquisa mais ampla, realizada no bairro Lavapiés, região central de Madrid, voltada a apreender a constituição de suas distintas espacialidades e os sentidos que elas geram na cultura. Junto com *El Rastro*, Lavapiés é conhecido como um dos “bairros baixos” da cidade de Madrid, assim definidos em virtude da posição geográfica ocupada por ambos, situados num declive que desemboca no rio *Manzanares*. Segundo Osorio (2017), os referidos bairros também são assim denominados em virtude do baixo poder aquisitivo da imensa maioria daqueles que ali residiram. A partir do século XV, *Lavapiés* transformou-se em área industrial e, posteriormente, concentrou os principais matadouros da cidade, que atraíram grande contingente de migrantes procedentes de regiões agrárias da Espanha.

Na atualidade, o bairro possui uma ocupação muito peculiar. De acordo com Osorio (2017), cerca de 32% dos seus moradores são imigrantes, ao passo que, nos outros bairros da capital espanhola, esse percentual chega a 16%. Quanto aos demais, 1/3 é composto por moradores de longa data e o restante pelos chamados residentes de “passagem”, formados basicamente por estudantes e turistas que alugam apartamentos de média e curta temporada.

Não há como desconsiderar a maneira pela qual essa diversidade acaba por produzir espacialidades (FERRARA, 2002, 2008) muito peculiares que, por sua vez, são fruto dos conflitos, intercâmbios e tensionamentos que subsistem sincronicamente na região. Na tentativa de discriminar como cada um desses três grupos de moradores se constitui como um dominante ou um vetor relativo ao modo de formação de espacialidades muito singulares, apresentamos, neste trabalho, o resultado de um experimento de análise relativo a uma configuração que emerge, primordialmente, pela presença de imigrantes: a praça *Nelson Mandela*, importante ponto de encontro de senegaleses e outras etnias em *Lavapiés*.

Cumpramos ressaltar que a seleção desse objeto não foi aleatória, mas, sim, decorrência da estratégia metodológica adotada. Durante dez meses, de outubro de 2018 a agosto de 2019, realizamos inúmeras derivações (DEBORD, 2003) no bairro, em diferentes dias e horários da semana. Como Careri indica, o caminhar que caracteriza a deriva situacionista implica, igualmente, saber onde deter-se (CARERI, 2017), dado o reconhecimento de uma informação presente na urbe que se destaca dentre outras.

II Seminário Interno de Pesquisa

27 de setembro a 01 de outubro de 2021
EDIÇÃO ONLINE

Assim, chamou-nos a atenção o fato de que a *Nelson Mandela* parecia apresentar uma síntese das relações que se articulam em outras praças do bairro que igualmente são utilizadas como ponto de encontro de imigrantes, não só senegaleses, como também de outros países africanos. Isso porque, nela, se nota a presença de distintas formas de uso, além de uma ocupação ostensiva durante todos os dias da semana e em diferentes horários, pelas quais se constrói uma visualidade singular em que os conflitos e intercâmbios, decorrentes da presença do outro e da alteridade, se mostram de forma mais premente. Assim, interessa-nos explorar de que maneira, no referido espaço público, ocorre a constituição de espacialidades singulares, fruto dos processos de intraduzibilidade que se articulam por meio da diversidade de interações e vínculos que ali se articulam.

Por sua vez, a análise das relações que se articulam na *Nelson Mandela* foi realizada com base na perspectiva epistemológica de estudo da cultura proposta pelo semiótico Iuri Lotman, da Escola de Tártu-Moscú (ETM). De acordo com essa abordagem, nenhum fenômeno cultural pode ser estudado isoladamente, sem que se considerem as fronteiras (LOTMAN, 1996) que ele estabelece com outros, o que, segundo o ponto de vista semiótico, implica considerar relações de delimitação, tensionamento, resistência, tradução e intraduzibilidade entre diferentes singularidades.

O estudo também tomou por base as distintas visualidades que se constroem pelo tensionamento entre o espaço físico-construído e os usos não previsíveis feitos dele. Ainda que utilizem diferentes terminologias, como urbano e cidade (FERRARA, 2000; SANTOS, 1994) ou ville e cité (SENNETT, 2019), todos os referidos autores denotam a existência de dois fenômenos distintos: o espaço programado pelo planejamento urbano e a cidade que se constrói com base nos diversos vínculos que se estabelecem entre seus habitantes e que resultam na redefinição dos espaços edificados pelo urbanismo, atribuindo-se a eles novos significados.

Na praça, observou-se a presença de duas espacialidades distintas: uma marcada por um distanciamento que resulta em relações pautadas por aquilo que Richard Sennett (2019) indica ser o “próximo-estranho” e outra caracterizada por intercâmbios tradutórios pelos quais se constrói uma cidade diferente daquela planejada pelo urbanismo.

No primeiro caso, nota-se que a relação eu-outro se articula não apenas entre os frequentadores de um trecho da praça, procedentes de diferentes países da África (apesar da predominância de senegaleses), mas também entre os comerciantes que ali estão – na sua maioria, procedentes de Bangladesh – e que igualmente demarcam um espaço próprio. Pode-se dizer que a interação entre um grupo

II Seminário Interno de Pesquisa

27 de setembro a 01 de outubro de 2021
EDIÇÃO ONLINE

e outro também intervém na delimitação que cada um estabelece para si. Esse mecanismo semiótico que, como Lotman (1996) indica, implica construir uma individualidade própria na relação com o outro pode, a nosso ver, acarretar ainda a emergência de outro fenômeno sociocultural na esfera da urbe. Trata-se daquilo que Sennett (2019), em alusão a Emmanuel Levinas, define como o próximo como estranho. Como o autor aponta, tal relação é tecida no cotidiano das cidades e pressupõe o reconhecimento de um outro, estranho, muitas vezes impossível de ser compreendido, com o qual se trava uma relação mínima de convivência, até mesmo como garantia de sobrevivência de ambos os grupos, como acontece, por exemplo, nos mais variados intercâmbios comerciais. Com isso, seria possível apreender uma ética civilizadora (Sennett, 2019) que pauta boa parte dos vínculos que edificam a urbe.

Muito distinta é a interação que ocorre entre os frequentadores de outro trecho da praça, em que se observam alguns indícios de relações não mais marcadas pelo distanciamento eu-outro ou próximo-distante, mas, sim, por situações que emergem pelos intercâmbios tradutórios que ressignificam vínculos, por mais esparsas que sejam. Mais especificamente, apreendemos a irrupção de relações caracterizadas, predominantemente, pela intraduzibilidade que, segundo Lotman, se caracteriza pela correlação estabelecida entre linguagens absolutamente díspares, em que não há um algoritmo prévio que determine um parâmetro para a tradução. Com isso, são estabelecidas equivalências tradutórias casuais e incertas, das quais resulta a emergência de formas expressivas e textos culturais caracterizados por uma síntese muito específica, capazes de gerar a irrupção de sentidos não previsíveis ou a própria indefinição de um texto cultural.

Pode-se dizer que tal situação elucidada como os processos operacionalizados pela fronteira podem se configurar como práticas sociais que possuem uma função sociocultural muito mais ampla. Aliada à tradução, Mezzadra e Neilson (2017) também se reportam à intraduzibilidade para explicar a especificidade de determinados processos de subjetivação que ocorrem na fronteira, pelos quais seria possível construir o “comum”. Mais particularmente, no âmbito da intraduzibilidade, isso implica a irrupção de uma determinada configuração que não pertence a nenhuma das esferas colocadas em diálogo, mas que, sem elas, tampouco existiria. Nesse sentido, o “comum” não existe como um a priori, mas é fruto de intercâmbios, a princípio, impensáveis e imprevisíveis, que continuamente acontecem na fronteira.

Com isso, nota-se a possibilidade de irrupção daquilo que Careri (2017) define como cidade pidgin. Quanto a isso, o autor estabelece uma importante correlação entre o pidgin, língua de contato ou comum que surge do encontro entre culturas que possuem idiomas completamente díspares, e os espaços pidgin que vêm à tona na urbe.

II Seminário Interno de Pesquisa

27 de setembro a 01 de outubro de 2021
EDIÇÃO ONLINE

O pidgin tende a ser criado espontânea e emergencialmente com o intuito de viabilizar a comunicação entre diferentes coletividades e nasce, sobretudo, do erro e da falta de compreensão daquilo que é dito, caracterizando-se por uma estrutura gramatical e normativa extremamente simplificada e rudimentar.

Da mesma forma, os espaços pidgin da urbe, também chamados pelo autor de irrompem em meio a relações de intraduzibilidade edificadas entre códigos absolutamente díspares e diretamente ligadas a uma dimensão imprevisível do cotidiano cujo devir, no momento da sua irrupção, se mostra incerto. Trata-se de um movimento da cidade dotado de uma lógica completamente avessa aos códigos normativos que caracterizam o planejamento urbano e que, não raro, ele intenta controlar.

Palavras-chave: cidade; urbano; intraduzibilidade; “comum”.

II Seminário Interno de Pesquisa

27 de setembro a 01 de outubro de 2021
EDIÇÃO ONLINE

Mixagem de áudio: uma ferramenta artística de sensibilidade e sentido do Black Album do Metallica ao Bogary da banda baiana, Cascadura

Saulo Leal Ferreira

Resumo

Esta pesquisa se propôs investigar dois álbuns de rock, o Black Album, da banda Metallica e o Bogary, do grupo baiano Cascadura, a fim de compreender como a mixagem de áudio pode funcionar como um dos processos poéticos e artísticos da fonografia, etapa esta responsável por dar coerência a gravação e ao mesmo tempo catalisar discursos embutidos na composição através do reforço de certos códigos musicais. A mixagem é compreendida como um processo criativo mediado por dispositivos eletrônicos aplicados à fonografia, cuja história começa com a gravação multipista em meados da década de 1960, quando a tecnologia aplicada ao som permite que fontes sonoras distintas sejam gravadas de maneira independente e simultânea. Ao ter acesso a performances musicais de maneira fragmentada, o engenheiro de mixagem dispõe de possibilidades técnicas, artísticas e criativas para preservar, reforçar, criar ou até amplificar performances musicais com o objetivo de afetar a escuta. Esta dissertação parte da hipótese de que a mixagem de áudio é uma ferramenta dinâmica de configuração de sentidos e sensibilidades, de modo que apresentamos seus fundamentos básicos, a evolução dos processos através de uma breve história da mixagem, até chegarmos ao conceito da música hiper-sensorial, dado o nível de manipulação que determinadas obras sofrem durante as etapas de edição, mixagem e masterização. A pesquisa contextualiza o processo de mixagem sob a perspectiva de ferramenta poética e a consequente formação da escuta; reúne elementos relacionados à percepção, em que a mixagem assume a potência de vetor no campo das sugestões, sensações, identidade, temporalidade e no dimensionamento das performances musicais; por fim, empreende uma análise, propriamente dita, dos dois álbuns, onde investigamos os recursos de mixagem empregados nas músicas a fim de dar conta de algumas perguntas que dizem respeito à construção de sentido e parâmetros estéticos do gênero rock.

Pode-se definir a mixagem como a ação dinâmica de: mesclar, moldar e equalizar por meio de técnicas e ferramentas de apoio, o som de um ou mais canais com o conteúdo de distintas fontes sonoras, de forma a alcançar um objetivo estético específico (GIBSON 2005, p: 2-5). A manipulação dessas ferramentas depende da atuação técnica, criativa e muitas vezes intuitiva do engenheiro de mixagem, o que torna o processo, humano, artesanal e artístico.

II Seminário Interno de Pesquisa

27 de setembro a 01 de outubro de 2021
EDIÇÃO ONLINE

De maneira sintética, mixar é dar sentido e orientação a um conjunto de sons gravados, podemos dizer que mixar é arrumar os elementos sonoros da música de modo que eles tenham coerência e gerem sentido para escuta. Toda música produzida em estúdio possui elementos musicais que se inter-relacionam, e para que isto ocorra, decisões precisam ser tomadas, como as relações de intensidade entre instrumentos gravados, principalmente quando se quer dar mais destaques a uns em detrimento dos outros. A posição desses instrumentos no horizonte da música também conhecido como panorama é o que configura o chamado palco sonoro, ou PAN (esquerda e direita), existem também algumas escolhas baseadas na sutileza ou não do gênero trabalhado, o que tem relação direta com a quantidade de uso de efeitos de processamento. Alguns gêneros musicais demandam um trabalho mais extravagante e complexo no uso de efeitos como ecos, reverbs, moduladores, efeitos de dobras, compressões paralelas, como é o caso da música eletrônica do universo pop. Gêneros como o jazz, música clássica e acústica solicitam do engenheiro de mixagem escolhas mais calcadas na organicidade, a coerência é construída com o foco no realismo, instrumentos gravados devem soar com a maior fidelidade possível ou que preserve ao máximo as suas características imanentes, no entanto, para que esta 'naturalidade' seja construída e ao mesmo tempo atenda aos padrões estéticos de mercado, há um trabalho meticuloso de mixagem que exige do técnico uma boa carga de experiência, conhecimento teórico, habilidade prática e bom senso.

Bobby Owsinski (1999) considera como 6 os parâmetros básicos de uma boa mixagem: "A) **Equilíbrio** - Relação de volume entre os instrumentos. B) **Espectro de Frequência** - Quantidade de frequências abrangidas. C) **Panorama** - Distribuição pelas caixas. d) **Espaço** - Ambientação e cada instrumento. E) **Dinâmica** - Variação de volume de cada instrumento ou da música de maneira geral. F) **Identidade** - Como tornar a mixagem especial, diferente das outras, em outros termos. E adiciono o parâmetro subjetivo **G**), como sendo o *parâmetro discursivo*, pois por trás da mixagem há a experiência de um técnico que juntamente com a banda e o produtor musical formatará o tipo de persuasão que aquela música ou álbum irá propor. Jorge Cardoso (2014) em seu artigo "O cultivo Retorico da Escuta", observa que na música pop mainstream principalmente, há todo um trabalho deliberado de persuasão da escuta por parte dos produtores e artistas. Embora no referido artigo o pesquisador se dedique mais evidentemente aos aspectos composicionais (arranjos, nuances, canto), não podemos deixar de dar uma atenção especial ao fato de que os recursos empregados para tal objetivo só é possível se a mixagem estiver alinhada com a proposta artística planejada.

Ao analisar dois álbuns da indústria fonográfica (O *Black Album* e o *Bogary*) procuramos identificar pontos como: elementos específicos e gerais nas mixagens dos dois

II Seminário Interno de Pesquisa

27 de setembro a 01 de outubro de 2021
EDIÇÃO ONLINE

referidos objetos, como seus aspectos estéticos, técnicos e subjetivos; Pensar a mixagem de áudio enquanto marcador temporal; Refletir sobre as estratégias de persuasão da escuta a partir das técnicas de mixagem, e discutir como a performance pode ser amplificada a partir dos meios técnicos, reconhecendo que o processo da formação da escuta inserida na dimensão tecnológica possui caráter dinâmico que demanda por novos estímulos ancorados em valores baseados em raridades e novidades.

A pesquisa proposta pressupõe também um levantamento documental e discográfico uma vez que é necessário analisar padrões estéticos partindo da observação, investigação e análise dos escritos presentes em revistas, vídeo documentários e entrevistas sobre as duas obras **Black Album** e **Bogary**. Oliveira (2007) faz uma importante distinção entre levantamento bibliográfico e levantamento documental. Por estarmos lidando com uma pesquisa cujos vetores apontam também para documentos e evidências que não passaram por um tratamento científico, como relatórios, reportagens de jornais, revistas, cartas, filmes, gravações, fotografias, entre outras matérias de divulgação” (p. 69), é necessário uma análise mais cuidadosa, no entanto, Cellard (2008, p. 296) amplia o conceito de documento: “tudo o que é vestígio do passado, tudo o que serve de testemunho, é considerado como documento ou ‘fonte’”.

Há um vasto material de vídeos e escritos sobre o Metallica. No filme “A Year And A Half In The Life Of Metallica” e na série “Classic Albums” Metallica, é possível ter uma série de pistas do que se pretendia quando o **Black Album** foi produzido. Já o **Bogary** do Cascadura, além do levantamento documental disponível na internet, a referida obra conta com o vídeo-documentário de nome “Efeito Bogary”. Também tivemos algumas informações técnicas através de um bate papo informal e um questionário⁶ com 4 perguntas encaminhado à André T, produtor e mixador do **Bogary**, na qual pudemos confirmar uma série de informações já presentes no referido DVD da banda baiana.

Durante as análises, ou mesmo na defesa de alguns conceitos foi essencial o levantamento discográfico do gênero rock, contemporâneo ao **Black Album** e ao **Bogary**, para dessa forma avaliar, relacionar e compreender se há de fato padrões vigentes de mixagem, ou repetição de certas técnicas criativas, principalmente se norteadas muitas vezes pelo sucesso comercial de determinadas obras importantes ocorridas anteriormente a elas. Trazer exemplos externos ajuda a reforçar certas afirmações, então por isso o levantamento discográfico contemporâneo aos álbuns analisados nesta pesquisa pode nos dar uma visão mais clara para que nos esquivemos de uma linguagem excessivamente técnica e conseqüentemente maçante para o leitor.

6. Para Marconi e Lakatos (1999, p. 100) questionário pode ser definido como: “instrumento de coleta de dados constituído por uma série de perguntas, que devem ser respondidas por escrito”.

II Seminário Interno de Pesquisa

27 de setembro a 01 de outubro de 2021
EDIÇÃO ONLINE

Quando pensamos a concepção / produção e consumo de um produto fonográfico, é possível conforme o circuito da cultura de Du Gay, identificar os pontos: *identidade, produção, consumo, regulação e representação*. *Produção e consumo* é aplicável a todo produto midiático da indústria cultural. A regulação no caso da Indústria fonográfica são “as regras técnicas” relacionadas a níveis de intensidade de volume exigidos para uma melhor performance de reprodução do produto nos diversos suportes (tv, cinema, rádio, streaming, etc). Cada suporte trabalha com um determinado padrão de volume medido em escala LUFS / LKFS⁷, tema relacionado com a “Guerra de volume” que passou a existir no mercado de maneira mais crítica a partir da música digital (CD) e que vem se intensificando com o passar dos anos, e que com a presença e popularização de dispositivos móveis como o iPod da Apple (ano 2000) o tema ganhou repercussão acadêmica. Este tipo de reflexão é importante pois a partir dela podemos avaliar o aumento gradual de *loudness* que ocorreu no interstício de 15 anos que separa um álbum do outro, **Black Album** (1991) e **Bogary** (2006).

Ainda sobre o circuito de Du Gay, *representação e identidade* são aspectos subjetivos inerentes a todo produto cultural, seus códigos, e a forma como a recepção afeta e é afetada. Assim como os *gêneros musicais* possuem suas gramáticas e sotaques dentro do aspecto musical, esses mesmos gêneros contam com determinados padrões estéticos para que as identidades sejam geradas. Jorge Cardoso traz uma analogia que contempla esta minha afirmação:

Se a distorção - muitas vezes considerada como um ruído - é fundamental para o Rock, por exemplo, ela é totalmente dispensável no Samba; e se a circulação em programas de TV é importante para a MPB urbana, para o Rap ela seria considerada um elemento de desvalorização - vide o caso de artistas como Marcelo D2 ou Gabriel, O Pensador, que embora se apropriem da sonoridade Rap, não são reconhecidos como artistas da comunidade Hip-Hop. (CARDOSO, 2008, p.6)

E por fim, utilizamos ferramentas específicas como o analisador de espectro de frequência e de fase⁸, o primeiro é uma ferramenta que faz uma medição dinâmica e variável de frequências sonoras presentes no sinal reproduzido, níveis de frequências graves, médias e agudas, o segundo, analisa a correlação de fase da reprodução, entregando através de imagem quando a mixagem possui certas perdas, ora provocadas intencionalmente, ora

7.Essencialmente, LUFS/LKFS é uma escala logarítmica usada para medir a intensidade subjetiva de uma peça ou trecho de áudio (programa de TV ou de rádio, comercial, filme, música, album, vídeo, podcast, stream/fluxo). Para cumprir a lei CALM, foi desenvolvido um conjunto de algoritmos descritos no ITU-R BS.1770 (Algorithms to measure audio programme loudness and true-peak audio level).

8.Descreve-se a relação entre dias ou mais ondas e como afetam uma a outra. Quando ondas (sinal sonoro) estão “em fase” suas amplitudes são adicionadas criando uma nova onda com amplitude maior. Se as ondas estão “fora de fase”, elas tem um efeito cancelativo. Na prática sons fora de fase tendem a ter seu timbre natural alterado, ganhando em alguns casos uma sonoridade metalizada ou robótica.

II Seminário Interno de Pesquisa

27 de setembro a 01 de outubro de 2021
EDIÇÃO ONLINE

por falta de critério, ou ainda por ser um processo natural quando se trata de registros captados com mais de um microfone. Foi necessário também utilizarmos o medidor de escala LUFS, goniômetro para enxergarmos materialmente a 'imagem' da música, dentre outras ferramentas que foram explicadas na medida em que foram citadas na pesquisa.

A dissertação se estruturou em 3 capítulos. O capítulo 1, foi dedicado a aspectos voltados para a dimensão material como a evolução dos dispositivos tecnológicos, a formação da escuta mediada por dispositivos eletrônicos, a construção de poéticas sonoras a partir dos recursos disponíveis no estúdio de gravação, e elencamos também a mixagem como sendo um dos parâmetros importantes na construção dos códigos do gênero rock, levando em consideração que a sua materialidade e potência possuem dependência vitais no uso das tecnologias.

O capítulo 2 foi dedicado à dimensão criativa e artística da mixagem, nele buscamos dar conta do argumento de que a mixagem é uma ferramenta geradora de sensações, responsável também por conferir à fonografia certos traços indenitários, ora nos servindo como referencial estético temporal, ora subvertendo conceitos pré-estabelecidos, ou ainda inaugurando novas escolas sonoras.

O capítulo 3 é a análise propriamente dita dos dois fonogramas Black Album - Metallica e Bogary - Cascadura, onde contextualizamos historicamente ambas as obras, trouxemos curiosidades e fatos relacionados aos bastidores do processo de produção dos discos, e através de uma audição atenta, cuidadosa e utilizando instrumentos de medição digital como suporte pudemos investigar técnicas de gravação, edição e alguns dos recursos de mixagem utilizados e que conferem a estas obras as suas respectivas assinaturas sonoras.

Discutir os recursos de mixagem utilizando dados numéricos e visuais através dos medidores nos ajuda a compreender como a técnica tem força objetiva sobre a percepção, esta que por sua vez é marcada pela subjetividade. Por fim, fizemos considerações sobre cada álbum através das nossas impressões, pois apesar de ser um profissional do áudio, para mim foi uma experiência nova e marcante analisar tão profundamente aspectos da mixagem e suas resultantes.

Palavras-Chave: Mixagem de áudio; Fonografia; Sentido; Metallica; Cascadura.

II Seminário Interno de Pesquisa

27 de setembro a 01 de outubro de 2021
EDIÇÃO ONLINE

As campanhas de distribuição dos cinemas negros contemporâneos e seus atravessamentos nas culturas fílmicas

Talita do Amaral Arruda

Resumo

O presente trabalho parte da análise dos adventos que estão transformando e pautando o mercado de distribuição do audiovisual brasileiro contemporâneo, especificamente no que concerne às presenças dos cinemas negros neste espaço. Nos últimos cinco anos, tivemos a realização de editais afirmativos voltados para a produção e o desenvolvimento de conteúdos audiovisuais de agentes negres; a continuidade do Encontro de Cinema Negro Zózimo Bulbul – Brasil, África e Caribe e da atuação da Associação dxs Profissionais do Audiovisual Negro (APAN); a realização da mostra *Alma no Olho – O legado de Zózimo Bulbul* e o cinema negro brasileiro contemporâneo no Festival Internacional de Roterdã (IFFR); a solicitação de autodeclaração de gênero e raça dos diretores e diretoras nos festivais e mostras de cinema; e outras ações que intensificam e abordam as presenças dos cinemas negros contemporâneos no audiovisual brasileiro.

Por outro lado, estudos recentes, apresentados pelo Grupo de Estudos Multidisciplinar da Ação Afirmativa (GEMAA), realizado pelo IESP-UERJ, evidenciam que o cinema brasileiro apresenta desigualdades de raça e gênero, com intensa sub-representação de mulheres negras considerando seus últimos lançamentos comerciais. Buscando refletir e fortalecer as presenças de cinemas negros nos lançamentos comerciais da indústria audiovisual brasileira, este trabalho tem como objeto de estudo analisar as estratégias de distribuição de três filmes de longa-metragem dos cinemas negros contemporâneos realizados entre 2018 e 2020. São eles: *Café com Canela*, da produtora Rosza Filmes, distribuído pela Arco Audiovisual, em 2018; *Temporada*, da produtora Filmes de Plástico, distribuído pela Sessão Vitrine / Vitrine Filmes, em 2019; e *M8 – Quando a morte socorre a vida*, da produtora Midgal Filmes, distribuído pela Downtown/Paris, em 2020.

A escolha por estas três campanhas de lançamento considera suas diferenças de perfis de produção e distribuição, ampliando os elementos diversos de comparação para análise. Brevemente, um é de porte mais comercial e outros dois são representantes do circuito independente. Foram lançados em momentos e com orçamentos de campanha diferentes, o último inclusive teve seu lançamento adiado e readaptado devido à pandemia do Covid-19, incorporando esta condição às suas estratégias.

A proposta é dialogar a partir das campanhas de distribuição dos três filmes, por as mesmas refletirem inquietações de grupos sociais historicamente

II Seminário Interno de Pesquisa

27 de setembro a 01 de outubro de 2021
EDIÇÃO ONLINE

afastados da produção de imagens enquanto sujeitos e donos de suas próprias narrativas. Portanto, o foco da pesquisa são os processos curatoriais, comunicacionais e midiáticos de suas campanhas de distribuição e quais saberes artísticos, afetivos, tecnológicos e mercadológicos que atuaram em cada um destes lançamentos. Buscar-se-á analisar como estas campanhas e estes lançamentos reverberaram nos imaginários brasileiros, quais foram suas dimensões política, social, cultura e estética; e por fim, qual seu papel na possibilitação de culturas fílmicas decoloniais e de cinemas mais sustentáveis e diversificados.

O presente trabalho apresenta enorme relevância temporal, por se conceber num momento de crises, quando a indústria audiovisual se encontra precarizada em todos seus pilares (produção, exibição, distribuição e preservação), sob vulnerabilidades também ainda não mapeadas de uma situação pandêmica. Em paralelo, neste momento, as plataformas de streamings crescem sob uma lógica monopolizadora, se promovendo num discurso falho de democratização do acesso. Ao mesmo tempo, ampliaram seu espaço de importância exponencialmente com a pandemia, e vão ditar muito dos comportamentos porvir. Numa indústria, onde há capitalização de imaginários da negritude por parte dos players, e constantes atualizações nas formas de consumo, nos modelos de negócios e na circulação dos recursos e dos conteúdos, precisamos estudar as ferramentas mercadológicas, para usá-las ou descartá-las a favor dos cinemas negros contemporâneos.

De todo modo, mesmo em meio às crises, a roda não irá parar de girar por completo. A partir de uma análise prévia, pesquisando por projetos em laboratórios de desenvolvimento, rodadas de negócios e demais espaços para financiamentos de produções dos últimos três anos, são mapeados pelo menos mais de 100 filmes de longa-metragem dirigidos e protagonizados por pessoas negras em etapas de desenvolvimento, pré-produção, produção e finalização. O que permite concluir que teremos mais filmes de longas dos cinemas negros por vir e para serem lançados comercialmente nos próximos dez anos.

Além disso, outro comportamento atual que vem se percebendo na indústria, em resposta ao cenário de escassez de políticas públicas somada à crise advinda do cenário pandêmico acima explicitado, é a tendência de distribuidoras passarem a rever suas atuações primárias, e passarem a atuar com maior força na coprodução de próximos filmes, na formação de agentes distribuidores e na exibição de seus catálogos em serviços próprios de streaming. O que atravessará, a longo prazo, também as estratégias de suas campanhas de distribuição. Deste modo, propor pesquisar as campanhas de distribuição dos cinemas negros contemporâneos visa também otimizar e potencializar o diálogo entre produção e distribuição das obras dos cinemas negros porvir, trazendo maior inventividade para a indústria audiovisual brasileira.

II Seminário

Interno de Pesquisa

27 de setembro a 01 de outubro de 2021
EDIÇÃO ONLINE

Considerando este contexto, a presente pesquisa propõe refletir sobre como o desenho de distribuição comercial destes filmes pode vir a influenciar na proliferação de culturas fílmicas decoloniais. Entendendo que as culturas fílmicas são construídas pelos filmes em si e pelos atravessamentos afetivos que eles provocam, mas também pelos agentes e instituições da indústria audiovisual, incluindo os da distribuição. Observando como estes agentes comunicam os filmes as suas audiências, quais narrativas assumem nas campanhas de lançamento e quais espaços de circulação prospectam para os títulos. Analisando por fim, as disciplinas de recepção nas diferentes janelas de exibição, suas forças transformadoras e os processos de produção de sentido e de percepção cognitiva a partir da fruição desses filmes nos diferentes espaços da distribuição.

A presente pesquisa assume-se no campo do chamado aqui “cinemas negros” entendendo desde o primeiro instante que as identidades negras são plurais e não unânimes. Para tal, os autores Stuart Hall e Franz Fanon já trazem esse espectro da multiplicidade de representatividades da negritude, afirmando que “a experiência negra é ambígua, pois não há um preto, há pretos.” (2008, p. 123). Além disso o termo “cinemas negros” é aqui aplicado pensando que ele não está restrito às obras fílmicas, mas abarca também suas redes de circulação e suas presenças conforme pesquisas realizadas pela professora, pesquisadora e curadora Janaína Oliveira.

As dimensões das culturas fílmicas decoloniais serão embasadas através dos estudos de bell hooks, Tatiana da Costa Carvalho, Beatriz Nascimento, Jota Mombaça, Leda Maria Martins, Girish Shambu, entre outros. Entendendo, em primeira instância, que não há consenso quanto ao uso do conceito decolonial, mas considerando que o mesmo trata da descolonização do pensamento. Em segunda instância, que as culturas fílmicas são compostas pelas narrativas, pelo hábito de frequentar os filmes e os espaços cinematográficos, pelos agentes de realização e pelas presenças fílmicas em suas dimensões simbólicas, afetivas, técnicas e epistêmicas. Ou seja, propor culturas fílmicas decoloniais significa questionar a estrutura da indústria audiovisual, que reflete à estrutura social brasileira estruturada no machismo, patriarcalismo e racismo. Questionar-se-ão os processos curatoriais, quem são seus agentes, as narrativas midiáticas e as tecnologias aplicadas à circulação dos cinemas negros contemporâneos. Propondo, portanto, repensar estruturalmente o papel da distribuição audiovisual, discutindo sobre seus agentes protagonizadores e suas ferramentas de atuação.

O presente trabalho também se valerá de pesquisas que pautam a dinâmica dos poderes que se instalam na indústria do audiovisual brasileiro, desvelando como os artifícios narrativos da distribuição são pautados numa mídia, que é forjada, historicamente, no contexto de profundas desigualdades. Permitindo uma investigação crítica, política e epistemologicamente engajada que questionará se o espaço mercadológico e suas infinitas armadilhas permitem atuações que abram brechas nas

II Seminário Interno de Pesquisa

27 de setembro a 01 de outubro de 2021
EDIÇÃO ONLINE

da sensibilidade e pelas transformações que ocorrem a partir das mudanças nas formas de sentir e perceber os cinemas negros contemporâneos em toda sua potencialidade.

A escassez de pesquisas acadêmicas que tenham como objeto a distribuição pensando seu lugar curatorial e suas narrativas na indústria do audiovisual – refletem uma insuficiência teórica dos estudos sobre esse tema, a vulnerabilidade atual do audiovisual brasileiro e a necessidade de fortalecer a circulação comercial dos cinemas negros contemporâneos justificam a importância deste projeto. O qual contribuirá com a construção de um audiovisual brasileiro que se defina sustentável, diversificado e relevante; que exponha o Brasil e sua diversidade de gênero, raças, identidades e pontos de vista. Caminhos para que um dia, possamos deixar de denominar este cinema como negro, e passemos a incorporá-lo sem distinções de posicionamento.

O primeiro passo metodológico para o desenvolvimento deste projeto é a coleta de dados sobre as campanhas de lançamentos dos três filmes com as equipes de produção e distribuição. Serão mapeadas informações de cada um dos três lançamentos investigados, tais como: planejamento de distribuição; plano de financiamentos da distribuição; condições dos contratos de distribuição; relatório de mídias, de imprensa e das demais ações de lançamento; relatório de comercialização; e depoimentos de indivíduos que visualizaram os filmes em pauta após a campanha de distribuição.

Após levantamento dos dados listados acima, eles serão colocados em diálogo com dados gerais do mercado de produção e distribuição contemporâneos, para melhor análise do contexto em que se deram estes lançamentos. Serão analisados também os indicadores referentes ao mercado de cinema, como público e renda. Após esta coleta de dados, a pesquisa elencará as especificidades quantitativas de cada um. Em paralelo, será realizada a análise do contexto histórico, social, político e econômico destes três lançamentos. Refletindo sobre os processos curatoriais atuantes no circuito distribuidor. Este levantamento também será estudado através dos conhecimentos e saberes adquiridos nas experiências empíricas de atuação profissional na indústria audiovisual.

Conclui-se, por fim, que o objetivo maior da presente pesquisa é buscar epistemologias que potencializem os esforços de distribuição dos cinemas negros contemporâneos, visando o fortalecimento de culturas fílmicas decoloniais, que rompam com o machismo, patriarcalismo e racismo do audiovisual e da sociedade brasileira.

Palavras-chave: Campanhas de distribuição; Cinemas negros contemporâneos; Capitalização de imaginários; Culturas fílmicas decoloniais

https://prezi.com/v/7vhxltzj9g_/

II Seminário Interno de Pesquisa

27 de setembro a 01 de outubro de 2021
EDIÇÃO ONLINE

Iluminando ideias: as articulações entre comunicação e cultura popular no boletim “O Candeeiro”

Vanessa Gonzaga Santos

Resumo

Produzido por comunicadores e comunicadoras de organizações que compõem a Articulação Semiárido Brasileiro (ASA), *O Candeeiro* é um material impresso de caráter informativo que sistematiza experiências da agricultura familiar do Semiárido ligadas ao Programa Uma Terra e Duas Águas (P1+2). Proposto ao Governo Federal pela ASA em 2007, o P1+2 é uma das estratégias para garantir a segurança hídrica e alimentar das famílias do campo com sete técnicas de construção de reservatórios, sendo as mais conhecidas as cisternas.

Para implementar a política existe um protocolo, firmado na autonomia dos indivíduos, no fortalecimento dos processos de organização social e processos formativos baseados na educação popular e várias outras premissas, sendo uma delas a necessidade de sistematização, sendo um processo pedagógico de construção coletiva dos conhecimentos e de divulgação de iniciativas que deram certo e registro de práticas locais de convivência no Semiárido. É a partir desses objetivos que ASA formula o boletim impresso *O Candeeiro*.

Nesse cenário, o boletim conta histórias até então invisibilizadas e tem o potencial de publicizar a partir de outros olhares e ajudar a conformar novas memórias para essas famílias, para as comunidades rurais onde elas vivem, para os técnicos que contribuem na assessoria, para os comunicadores da ASA que vão até as pequenas propriedades para a construção do boletim impresso e para quem tem acesso às edições d’ *O Candeeiro*.

Nesse sentido, esta pesquisa se propõe a identificar quais as abordagens e narrativas centradas na Convivência com o Semiárido presentes nas edições do boletim impresso *O Candeeiro* produzidas com base nas experiências na zona rural da cidade de Juazeiro (BA), que se ligam à prática de comunicação popular, considerando a cultura, as questões sociais e políticas deste território que se relacionam com a execução de políticas e tecnologias sociais de acesso à água.

O objetivo é entender como são construídas estas abordagens em torno da cultura, de questões sociais e produtivas nos territórios Semiáridos e como elas se relacionam à execução de políticas e tecnologias sociais de acesso à água vivenciadas pelas famílias agricultoras e relatadas no processo de produção do boletim a partir da comunicação

II Seminário Interno de Pesquisa

27 de setembro a 01 de outubro de 2021
EDIÇÃO ONLINE

popular e contextualizada, analisada com base nos estudos folkcomunicaçãois.

Os objetivos específicos serão para compreender a concepção de comunicação contextualizada e comunicação popular produzida pela Articulação do Semiárido Brasileiro nos territórios semiáridos; entender a cadeia de produção dos Boletins e como ele se articula com o conceito de comunicação popular e contextualizada; identificar como os boletins registram memórias em relação à conquista e o acesso às políticas sociais de acesso à água e convivência com o Semiárido; estudar como as mudanças na vida e na cultura das famílias contempladas pelo Programa Uma Terra e Duas Águas (P1+2) se expressam nas edições de *O Candeeiro*.

Nossa hipótese é de que ao mesmo tempo em que *O Candeeiro* contribui na construção do que hoje se conhece como Semiárido e na construção de memórias em torno deste, ele se configura como um meio de comunicação folk, ou seja, que ressalta e valoriza aspectos comunicacionais presentes na cultura popular das comunidades rurais. Neste mesmo processo ele constrói outras formas de ver e narrar o Semiárido, que não se iniciam a partir da construção dos boletins, mas que ele ajuda a potencializar.

O que se pretende neste projeto é adicionar ao campo de estudos da comunicação algumas contribuições, a exemplo do que chamamos de comunicação contextualizada, que se liga diretamente ao conceito de Convivência com o Semiárido. Há uma vasta produção sobre experiências e práticas de comunicação na zona rural brasileira, mas o que pretendemos aqui é lançar um olhar para um território que faz parte do Semiárido, conceito recente, e principalmente, como as mudanças profundas que acontecem neste território a partir das políticas sociais de acesso água modificam de forma substancial a cultura das famílias e comunidades contempladas com o programa.

Outras pesquisas já se debruçaram sobre este objeto empírico, mas com recortes espacial e temporal diferentes do aqui proposto, que se tem seu objeto empírico delimitado na cidade de Juazeiro (BA), onde a produção dos boletins é feita no Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada (IRPAA), uma das centenas de organizações ligadas à ASA, espalhada nos 9 estados do nordeste e em Minas Gerais.

As outras produções ligadas a *O Candeeiro* se voltam a entender elementos o papel da comunicação na mobilização social, empreendem uma análise crítica de conteúdo das relações das narrativas com o contexto de produção do boletim, bem como a circulação, os usos e apropriações do conceito de sistematização de experiências pelo boletim. Aqui, a partir de outra problemática, métodos e objetivos se pretende estudar um outro recorte dos boletins no sentido de ampliar os conhecimentos sobre este no que ele possui de específico, mas também em suas características gerais, o observando a partir de outra perspectiva e tentando compreendê-lo a partir

II Seminário Interno de Pesquisa

27 de setembro a 01 de outubro de 2021
EDIÇÃO ONLINE

de outros pontos de vista, aprofundando o que se sabe sobre ele no âmbito acadêmico.

Aqui, faremos a opção metodológica em considerar a folkcomunicação como método, no sentido de privilegiar a metodologia utilizada em estudos folkcomunicacionais, especialmente nos estudos de Luiz Beltrão. Por ter sistematizado a teoria da Folkcomunicação, suas obras podem servir como parâmetro para demais estudiosos no sentido de propor métodos possíveis de análise (CASTELO BRANCO, 2006, p.107) É partindo disto que optamos por combinar técnicas como a coleta de dados com base nas entrevistas e a partir da pesquisa documental e análise dos conteúdos presentes nos boletins para analisar o objeto em questão em busca dos significados que são construídos através das imagens e da construção dos textos. Também será realizada uma análise documental dos manuais, cartilhas e outros documentos redigidos para a própria ASA, para entender como acolhem e incorporam os processos de comunicação popular e contextualizada na proposta de convivência do Semiárido.

Para entender melhor a cadeia de produção dos boletins, seria importante incorporar a observação participante, indo até as comunidades onde vivem as famílias produtoras, contudo devido à pandemia de covid-19, essa técnica de imersão nos territórios foi descartada, considerando que esta exige o contato direto e prolongado do pesquisador com as famílias e comunidades. Dessa forma, optamos por nos concentrar no processo de produção dos boletins, com foco nos comunicadores e comunicadoras populares que integram as ONG'S que compõem a ASA, que é o caso dos comunicadores do IRPAA, que produziram os boletins selecionados no corpus empírico desta pesquisa.

Devido a este contexto de limitações para circular nos territórios e fazer um mergulho nas comunidades rurais de Juazeiro, optamos por utilizar também a técnica do estudo de caso. A proposta é selecionar um dos boletins que compõem o corpus empírico da pesquisa e analisá-lo mais a fundo, tanto no contexto específico de sua produção, mas também investigando a partir do ponto de vista da família que tem sua história narrada ali. A opção por esta técnica se dá principalmente para entender mais a fundo o objeto deste estudo, levando em conta as limitações práticas que impedem o uso de técnicas de contato prolongado com as famílias.

Para identificar como os boletins registram memórias em relação à conquista e o acesso às políticas sociais de acesso à água e convivência com o Semiárido e visualizar como as mudanças na vida e na cultura das famílias contempladas pelo Programa Uma Terra e Duas Águas (P1+2) se expressam nas edições do *O Candeeiro*, será necessário analisar os boletins, para compreender em que medida as mensagens, imagens, e demais conteúdos ali presentes se conectam com essa perspectiva de comunicação que valoriza a cultura popular e tem um vínculo com a convivência

II Seminário Interno de Pesquisa

27 de setembro a 01 de outubro de 2021
EDIÇÃO ONLINE

com o Semiárido. A ideia é que a partir desta análise seja feita uma leitura crítica do *O Candeeiro*, extraindo conhecimento a partir da materialidades destes boletins, para apontar suas potencialidades e compreender suas fragilidades e desafios.

Aliado a isso, para aprofundar essa análise, serão feitas entrevistas semiestruturadas com comunicadores da Assessoria de Comunicação da ASA (ASAcem); os do Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada (IRPAA), que é a ONG ligada à ASA que produziu os boletins em Juazeiro para aprofundar a compreensão do papel da comunicação dentro da ASA e do IRPAA e na construção da proposta de convivência, além de questões relacionadas ao processo de construção dos boletins. A intenção é que entrevista e análise dos boletins se complementam do ponto de vista metodológico para que possamos observar e compreender este corpus empírico.

Neste momento, a pesquisa encontra-se em andamento, com previsão de exame de qualificação em dezembro de 2021 e defesa em julho de 2022. Nesta fase, o foco tem sido a análise do conteúdo dos boletins, compreendendo como ele contribui na formação de memórias em torno do Semiárido relatando as histórias dos mais velhos e a reconfigurando para os mais jovens, colocando numa perspectiva histórica as mudanças que ocorreram no território; analisando quais são as formas coletivas, interpessoais e não convencionais de comunicação presentes nas comunidades que são relatadas através do boletim e amplificadas a partir dele e relacionando as edições do boletim como produto e produtor destas novas realidades que estão em disputa no Semiárido brasileiro.

Palavras-chave: Comunicação popular; Cultura Popular; Folkcomunicação; Convivência com o Semiárido

II Seminário Interno de Pesquisa

27 de setembro a 01 de outubro de 2021
EDIÇÃO ONLINE

Afropresentes: as sensibilidades negras em composição audiovisual solidificando terrenos ao novo cinema negro brasileiro.

Vinicius Souza Neri – A.K.A.: Vinny Nepomuceno

Resumo

A importância dada ao cinema enquanto instrumento de unificação nacional e referência ao progresso, rendem a esta linguagem artística um status de notoriedade simbólica na disseminação das noções de identidade nacional (ARAÚJO, 2000). Neste sentido, vale considerar nesta vertente, sua inscrição enquanto um dos veículos de disseminação ideológica do Estado-Nação (SENNÁ, 1979) pelo agenciamento das dimensões estéticas, pela reprodução incessante de valores que desde sua base, estigmatizam o corpo negro mediando diretamente suas formas – materiais e simbólicas – de representação. Partindo deste pressuposto, este trabalho propõe investigar, difundir e evidenciar a existência intrínseca num panorama de 40 obras produzidas entre 2015 a 2021, de um novo método do fazer cinematográfico considerando este por Novo Cinema Negro Brasileiro, aliando esta percepção no que compreende as noções do fazer que se preocupa com o corpo d_ “outr_” (VARGAS, 2017) e que _ projeta para a reconstrução de imaginários na contramão dos estigmas e pela não recorrência aos predicativos de opressão impregnados no senso comum, buscando dar a ver a formação de um discurso novo, mediado pelo afeto enquanto proposta de construção e recepção (NERI, 2020) sob a lógica de construir no presente, um futuro assertivo e ascendente, ampliando o debate teórico conceitual a partir da elaboração do conceito de afropresentismo.

Na premissa de registro material, o presente trabalho se ocupa de definir o conceito de afropresentismo assumindo-o enquanto ponto de vista analítico e conceitual em produções audiovisuais de totalidade negra em diálogo à teoria de mimeses (RICOEUR, 1994) pelo apelo às canonizações das teorias da comunicação, mas tendo em aporte à pesquisa na teoria de tempo e narrativa, à perspectiva *espiralar* (MARTINS, 2002). Por suporte simbólico, registra-se aqui um movimento de produção de assertividades sobre as sensibilidades negras brasileiras em demarcação territorial ao Recôncavo Baiano – atuante também em locução nacional – dadas as urgências de manifestações teóricas aos corpos permanentes que acessam e recebem tais orientações em temporalidades diversas, para afirmação de suas singulares narrativas no espaço/tempo decolonial.

Objetiva-se neste processo (de modo específico) a formulação de eixos conceituais como o Novo Cinema Negro Brasileiro enquanto nomenclatura potente e sobretudo como fonte material de elaboração em proposta analítica, conceitual, curatorial,

II Seminário Interno de Pesquisa

27 de setembro a 01 de outubro de 2021
EDIÇÃO ONLINE

pelos estudos de narrativa e produção científica, mais adiante o conceito de afropresentismo que comunga das mesmas premissas do anterior, sendo imprescindível delimitar seu uso e sua defesa frente o cenário colonial que paira a universalização do pensamento, sobretudo pela medi(ação) de seu uso. Pretende-se ainda a partir da circulação do conteúdo desta pesquisa iniciar o debate sobre sensibilidades negras em produções audiovisuais e pelos estudos de recepção. E, em caráter pragmático, prover formas permanentes de continuidade às narrativas negras contemporâneas sobretudo as produzidas no Recôncavo Baiano haja vista a política de exposições nacional.

Em termos gerais, a presente pesquisa tem por projeto central a exibição dos núcleos agenciadores de um movimento de retomada protagonizado por artistas negr_s em territorialidade nacional, tomando por partida o Recôncavo Baiano e disseminando a produção de uma nova estratégia de produção atrelada a negação dos predicativos de opressão presentes na gramática colonial buscando entender a ação presente do fazer, repensar e projetar narrativas audiovisuais negras em projeção as condições materiais e simbólicas de sobrevivência no futuro.

Entende-se por premissa maior e que compreende a importância da execução deste trabalho, a locução de que em termos de localização a colonialidade se centra por sua caracterização enquanto um trabalho sistematicamente organizado, que se atualiza de acordo com o tempo - tempo este que também é mentiroso, enganador, falso, porquê se estabelece como único, poderoso, inquestionável - e se remonta, ou seja, remodela suas práxis subjazendo as sensibilidades negras em formação.

Compreendendo a afirmativa de que o opressor não se interessa com as metodologias utilizadas pelo oprimido no ato de libertação, esta pesquisa ganha força ao entender a movimentação dos circuitos midiáticos e sua atuação, pelo movimento em que os corpos hegemônicos produtores recorrem a estratégias miméticas (ARISTÓTELES, 1993), e a todo tempo reconsideram as ações de retomada do corpo oprimido seja pela sua atuação ou manutenção de sua permanência, agregando em estratégias comunicacionais nomenclaturas em slogans como acontece com a "representatividade, tombamento, pret_s no topo" em execução de suas adaptações favoráveis. Para tanto, considera Frantz Fanon (2008) a *epidermização* da inferioridade como sendo este locus para formação de uma das principais estratégias da colonialidade ao passo em que se registra no corpo desta pesquisa a importância de movimentos do cinema negro em "existir e performar em meio às feridas deixadas pelo colonialismo" (MOMBAÇA, 2021)

II Seminário Interno de Pesquisa

27 de setembro a 01 de outubro de 2021
EDIÇÃO ONLINE

Dito isto, vale salientar em primeiro plano, a urgência de repensar a formatação do binarismo que impõe o racismo, constituído entre o ponto de vista de uma sociedade branca versus pessoas não brancas (VARGAS, 2020, p.17) para a compreensão de uma afirmativa social entre pessoas negras e pessoas não negras (estas consideradas por mediadoras de estratégias de negação e exclusão) informação que se complementa, dadas as estatísticas da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) pelo IBGE, instituição a qual delimita a população negra brasileira em 56,10% no ano de 2019. Em segunda instância, utilizar deste conteúdo pesquisado para afirmar que a permanência a estas nomenclaturas, considerando o conceito de antinegitude (PINHO; VARGAS, 2017) constituem para _sujeit_ negr_ "o não ser que fundamenta as subjetividades não negras do mundo moderno. "

É fazendo desta estratégia afirmativa como mote deste texto que as formulações analíticas ganham forma agenciando a produção empírica sobretudo a partir de quem faz e sua disseminação em reafirmar as locações do dilema da branquitude em suas atuações e produções materiais e simbólicas, ou seja, neste texto, registra-se um movimento de retomada – se assim as formulações possibilitarem no ato de leitura – das camadas acessadas pelo movimento do cinema negro do Recôncavo da Bahia em inscrever nacionalmente o lugar de suas sensibilidades.

O trabalho se constitui por meio de análise dos discursos (FOUCAULT, 1971) presentes em filmes ficcionais e documentários produzidos entre 2015 e 2021, realizados e ativos no cenário nacional como: Café com Canela (2017); Arco do Tempo (2019); O dia que ele decidiu sair (2015); A Vida é Pra Valer (2018); Enquanto eu for Lembrado (2018); Cartas Para Ana (2019); Clausura 2 (2020). Durante o processo seletivo, elaborado a partir de um texto curatorial, foram analisados cerca de 40 filmes realizados por negr_s no Recôncavo da Bahia, além disso, foram utilizados materiais de referência ancorando as percepções para desenvolvimento do conceito de afropresentismo, tendo por base formulações oriundas da vertente do afrofuturismo, fazendo uso das teorias de mimeses (RICOUEUR, 1994) e tempo espiralar (MARTINS, 2002) ao mesmo tempo em que a análise fílmica será empreendida a fim de compreender as ações produzidas e consideradas nas narrativas audiovisuais. Ainda assim, busca-se a partir destes estudos da perspectiva (NERI, 2020) a noção de um fazer cinematográfico decolonial, sendo este mote para a afirmativa do Novo Cinema Negro Brasileiro por locução de (re)configuração de sensibilidades negras produzida por cineastas negr_s no intervalo temporal da pesquisa.

Em termos estruturais, dadas as limitações sociais pelo cenário de isolamento decorrente da pandemia do Corona Vírus, a pesquisa encontra-se em andamento, haja vista a necessidade de reformulação de algumas de suas propostas metodológicas como

II Seminário Interno de Pesquisa

27 de setembro a 01 de outubro de 2021
EDIÇÃO ONLINE

estudos da recepção, desenvolvimento de Mostra Cinematográfica e pesquisa de natureza quantitativa e qualitativa com público estimado em 150 pessoas. Sendo assim, prevista à conclusão entre outubro/novembro de 2021.

Palavras-chave: Cinema negro; Afropresentismo; Sensibilidades; Decolonial

<https://mail.google.com/mail/u/0/#inbox/FMfcgzGkbDbStFFSGgThGFfnFn-XkpMXr?projector=1>

REALIZAÇÃO

